

A BATALHA

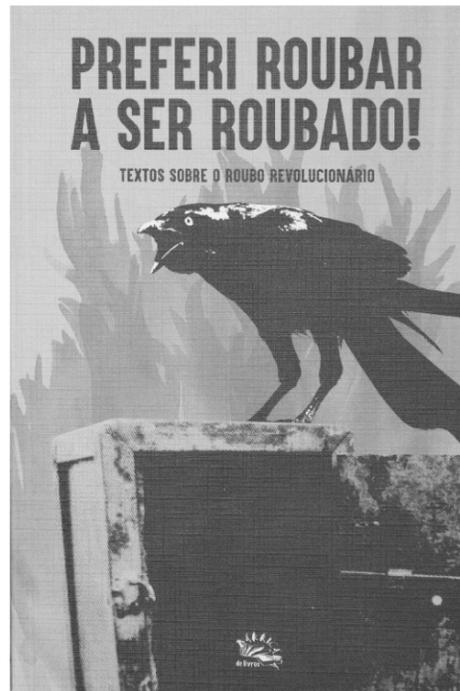
Director: João Santiago **Redacção:** Elisa Areias, João Santiago, Joaquim Andrade, Luís Garcia e Silva, Sérgio Duarte
Compositor, proprietário e editor: Centro de Estudos Libertários

Jornal de Expressão Anarquista
Antigo Órgão da Confederação Geral do Trabalho

Entrevista a Mário Rui O terror negro

Saiu o primeiro livro da Barricada dos Livros, que é dedicado ao roubo revolucionário e à história das relações entre individualistas libertários e ilegalistas. Esta é uma história de compromisso com o ideal revolucionário de distribuição justa da riqueza. É uma história de confronto com as tradicionais formas de propaganda, com a sua caducidade e o alumiar da propaganda pelo facto. *Preferi roubar a ser roubado! Textos sobre o roubo revolucionário* é um livro que define os próprios limites da legitimidade dos meios para atingir determinados fins, separando as águas entre o mito Bando Bonnot e a propaganda pelo facto executado por Marius Jacob, Clément Duval e Miguel Arcángel Roscina. Conversámos com Mário Rui Pinto, membro do colectivo da Barricada dos Livros, sobre este importante estudo e sobre o futuro da mais recente editora anarquista em Portugal.

Págs. 6-7



Editorial |
**A Batalha vai
ao alfaiate**
Pág. 2

Internacional |
**3º Fórum Geral
Anarquista**
Mário Rui
Pág. 5

RENOVAÇÃO



NÚMERO 20

Ensaio | Ricardo António Alves Ferreira de Castro e a

Renovação segunda parte nas págs. 8-9

Publicamos a segunda parte do ensaio de Ricardo António Alves sobre a história da revista *Renovação*. No artigo deste número, estamos perante uma leitura crítica da antiga publicação da Confederação Geral do Trabalho: do falhanço na criação de um novo órgão de um modernismo português à pobreza das propostas estéticas que foram editadas nos 24 números que

compõem a colecção completa da revista. Importará seguir atentamente o próprio percurso de Ferreira de Castro e a sua admiração por Pyotr Kropotkin para comprovar as afinidades ideológicas que estariam no coração da inspiração libertária que o escritor pretendeu introduzir nas páginas da *Renovação* e que conseguiu canalizar para a sua obra literária futura.

Cultura |
**Banda desenhada
e biqueiros anarcas!**
Professora Marcivânia
Pág. 10

Homenagem | Antonina Rodrigo

La insobornable

Pág. 4

Em homenagem a Joaquina Dorado Pita, publicamos um artigo de Antonina Rodrigo, no qual são traçadas as linhas biográficas desta incansável anarquista e militante anti-franquista. Uma das grandes amigas do jornal *A Batalha* e do Centro de Estudos Libertários, que fundou e lhe dedicou, em 2005, o Círculo de Estudos Joaquina Dorado e Liberto Sarrau. Desta forma, o nosso jornal lembra a vida de uma anarquista que nunca se deixou governar por ninguém.



©xurxolobato

Poesia |
Alexandre Caetano
António Margalha
Francisco Cardo
Nuno Mangas-Viegas
Pág. 11

BD |
**Centro Anarquista
Português de
Artes Modestas**
Marcos Farrajota
Pág. 12

A Batalha vai ao alfaiate

A partir do próximo número, *A Batalha* irá apresentar uma nova configuração gráfica, dando continuidade às alterações de conteúdos que tem gradualmente revelado no último ano. Com o número 276, correspondente aos meses de Setembro-Outubro, o jornal vai acertar a sua periodicidade bimestral e repor a regularidade de publicação que merece. As principais transformações de *A Batalha* estão relacionadas com o aumento da sua extensão, passando das actuais 12 para 16 páginas, apesar de reduzir o seu tamanho para um formato mais equilibrado. Estas modificações pretendem tornar a leitura mais agradável, restabelecendo o carácter sempre efémero de um periódico que se quer de fácil manuseio.

Além da renovação gráfica, continuar-se-á a insistir na fixação de *A Batalha* enquanto jornal de expressão anarquista. Neste sentido, é com bastante naturalidade que este espaço manterá as suas páginas abertas às múltiplas vozes que compõem o anarquismo coevo. Tendo em conta que as edições de *A Batalha* serão centenárias em 2019, continuaremos com a publicação de artigos sobre a sua história, num esforço arqueológico que servirá para alumiar o trabalho de difusão das ideias libertárias em Portugal. O jornal terá uma secção regular de banda desenhada intitulada "Centro Anarquista Português de Artes Modestas", que se inicia no presente número. Devido à pluralidade de lutas contemporâneas, *A Batalha* publicará artigos sobre as reivindicações

queer, os novíssimos movimentos sociais e as suas características anti-hegemónicas e rizomáticas ou a cultura libertária e independente da institucionalização mercantil ou estatal.

Dar-se-á também conta das movimentações políticas no estado português e fora dele, procurando estabelecer-se como um jornal que afrente a desolação do espaço público. Assim, torna-se imperativo prosseguir o esforço de mapear, publicitar e analisar criticamente os livros, publicações periódicas, álbuns, concertos, filmes, debates e eventos culturais que nascem ou morrem cá no burgo. *A Batalha* não fará opinião, mas tentará dar aos seus leitores algumas ferramentas para que estes a possam criar autónoma e criticamente.

Finalmente, a vida interna do Centro de Estudos Libertários será revitalizada, com a reorganização e actualização da sua livraria, além da catalogação da sua biblioteca, que contém um dos mais ricos espólios da história e do pensamento anarquistas dos últimos 100 anos. A sua sede irá também receber um conjunto importante de conversas, que se iniciará com a apresentação do próximo número do jornal durante o mês de Outubro. O seu programa será noticiado nestas páginas e nos outros media independentes que têm desempenhado um papel precioso na divulgação das actividades libertárias realizadas nos últimos anos. *A Batalha* voltará com a roupa que lhe convém e será o que os seus leitores fizerem dela. Assinem ou procurem-na nas bancas. ■

Visto da Parvónia

A força das coisas

Júlio Palma

Olhemos para o incêndio de Pedrógão Grande. Podia ter sido um incêndio normal. Ardiam umas dezenas largas de hectares de floresta e mato e no fim de algumas horas estaria extinto. Mas não foi. Uma conjugação de factores provocou uma catástrofe - 64 mortos confirmados.

Temperaturas muito acima da média para a estação do ano e para a zona, fenómenos atmosféricos que são de todo imprevisíveis para locais restritos - correntes de ar ascendentes e descendentes, ventos fortes com rajados sem direcção certa. É possível prever instabilidade atmosférica e trovoadas para áreas grandes - norte, centro ou sul -, mas não é possível prever se a trovoadas vai cair no meu quintal ou se o vento vai partir esta árvore e não aquela. Se tudo isto for acompanhado de fogo em zonas florestais de povoações dispersas e com falhas nas comunicações para ajudar à coordenação, a situação torna-se explosiva.

É possível prevenir? Pode-se tentar. Há várias

respostas. Uma é do tipo militar. Identificar o inimigo, preparar tropas para o combater, treinar bem a estratégia, a tática e a operática, como diria a doutrina militar soviética. Isto leva o seu tempo, mas mesmo assim nada garante que um grande exército não seja destruído.

Outra resposta é olhar para o país como conjunto assimétrico, zonas de minifúndio ou de latifúndio com diversos tipos de cobertura do solo, perceber porque é que há zonas que se vão despovoando e os que ficam são idosos sem a necessária força física para trabalhar a terra (as pessoas também se esgotam). E quando as terras deixam de ser trabalhadas não há gados que lá entrem porque se tornam brenhas e os seus donos ficam à mercê de algum chico esperto que chegue e lhes ofereça uns tostões para não semearem ou para plantarem eucaliptos ou venderem para as encher de olival intensivo.

A ruralidade hoje é praticamente isto. E isto é um problema muito grande. Para o resolver é preciso gente. Sem ela não é possível ocupar o território de forma saudável. Sem ela não se consegue formar um associativismo colectivista que dê resposta integrada e cooperante em diferentes territórios para que estes não fiquem reduzidos

por uma simples fagulha a montes de cinzas. Se calhar é preciso voltar aos pioneiros. Dantes dizia-se que o reino tinha sido obra de soldados. Pois.

Há grupos que defendem que o Estado se devia tornar dono do que chamam "terras abandonadas". Levando em conta exemplos de outros lados - veja-se o desastre ecológico que os grandes planificadores soviéticos fizeram no mar de Aral - não parece que o Estado com os seus legisladores seja a entidade competente para resolver problemas deste quilate. Hoje expropria e amanhã, quando estiver na bancarrota, vai vender ao desbarato. Não é por se fazerem muitas leis que a mentalidade dos povos muda de um dia para o outro. Claro que como diria o poeta "um fraco rei faz fraca a forte gente".

Uma palavra para a comunicação social. Há jornalistas que se vê que escrevem muito em cima do Joelho e para eles tudo é simples, especialmente quando respeitam a voz do dono. Houve um que se irritou por a ministra da Administração Interna ter aparecido de ténis no lugar onde se combatia o fogo. Parece que a queria ver de salto alto, de saia travada e com espartilho, para citar os utensílios vestimentários que um aliado da chefa do CDS-PP não gosta de ver na chefa. Do caneco! ■



Capa de Viagem à Roda da Parvónia, de Guerra Junqueiro e Guilherme d'Azevedo
Desenho de Manuel de Macedo



A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA C.G.T.
Fundado em 23 de Fevereiro de 1919

Este jornal surgiu em 23-2-1919, no mesmo ano em que a Confederação Geral do Trabalho (CGT) de que seria porta-voz. A CGT, única confederação sindical existente, agrupava os trabalhadores mais combativos e conscientes da altura e foi, desde início, fortemente influenciada pelas correntes anarquista, anarco-sindicalista e sindicalista revolucionária. Isto determinou a sua total independência face aos partidos e ao poder político e fê-la procurar que as justas reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de vida não os deixasse esquecer que só uma profunda transformação económica, social e ética permitiria eliminar a opressão e exploração do homem

pelo homem. Repudiou sempre, com notável antevisão, que a libertação dos trabalhadores se pudesse alcançar através duma pretensa "ditadura do proletariado" ou do "Estado-patrão".

Hoje, não ligado a qualquer dos movimentos sindicais existentes, de cujos princípios e prática geralmente discorda (embora tenha o maior respeito pelos trabalhadores que os constituem) continua a pugnar por uma sociedade assente em formas comunitárias de vida, de essência autogestionária e cooperativa, com total respeito pela liberdade de pensamento e pela autonomia individual, em conformidade com os princípios libertários por que se norteia.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (Euros)

	Envio cintado		Envio em Envelope	
	6 números	12 números	6 números	12 números
Continente	3,99	7,58	6,98	12,97
Ilhas				
Via aérea	5,49	10,47	7,98	15,46
Via económica	3,99	7,58	6,98	12,97
Europa	9,48	17,46	11,97	22,45
Extra-Europa				
Via aérea	11,47	20,45	15,56	27,93
Via económica	9,98	17,46	11,97	22,45

COLABORADORES

Os artigos não assinados são da responsabilidade da redacção.

Os artigos não solicitados poderão ser recusados, aceites condicionalmente (mediante alterações acordadas com os autores) ou ser diferida a sua publicação em função da programação geral do jornal. Devem ser claros e sucintos, não excedendo três páginas A4 dactilografadas a dois espaços, título e ilustrações incluídos. Em caso de recusa haverá sempre explicação oral ou escrita aos autores.

Além do nome e endereço agradecemos também o envio do telefone e/ou e-mail. O pagamento poderá ser efectuado por cheque ou Vale Postal.

Neste momento, o apartado encontra-se temporariamente inactivo.

Toda a correspondência deverá ser remetida para:

**A Batalha,
Az. da Alagueza, Lote X, c/v - Esq 1800 - 005 Lisboa**

Director: João Santiago

Redacção: Elisa Areias, João Santiago, Joaquim Andrade, Luís Garcia e Silva, Sérgio Duarte

Neste número: A., Alexandre Caetano, André Calvário, Aníbal César Almeida Bastos, Antonina Rodrigo, António da Cruz, António Gonçalves Correia, António Margalha, Francisca Bicho, Francisco Cardo, J. Chagas, JA, José Augusto, Júlio Palma, Marcos Farrajota, Mário Rui, Nuno Mangas-Viegas, Pedro Roque/Eyes of Madness!, Professora Marcivânia, Ricardo António Alves

Composição: Centro de Estudos Libertários

Impressão: Gráfica Sobreirense, Artes Gráficas, Lda, Sobreiro, Mafra

Redacção e administração: Az. da Alagueza, Lote X, c/v - Esq 1800 - 005 Lisboa

jornalabatalha@gmail.com

Proprietário e Editor: Centro de Estudos Libertários - NIPC 501805214

Periodicidade Bimestral

Mai - Junho 2017

ISSN 0873-7223

N.º Depósito Legal 291 643 / 09 | Inscrito na Direcção Geral da Comunicação Social N.º 104981

António Gonçalves Correia (G.C.) publicou em 1917 *Estreia d'Um Crente* e, neste ano do centenário, registamos em *A Batalha* excertos de algumas das cartas que integram esse livro e que temos vindo a seleccionar. Os destinatários são tantos quantos o número das cartas, e o desenvolvimento do conteúdo ajusta-se a cada um deles: o Advogado, o Anarquista, e, nesta edição, Uma Mulher, sendo que o assunto de fundo está presente em todas, pois ao autor interessa passar a sua mensagem, ou seja, o combate pela sociedade nova, a da Anarquia, que consagre na prática os princípios que defende e que vai explorando nos seus textos. Dirigindo-se a Uma Mulher, uma camarada, Gonçalves Correia utiliza o exemplo dela para falar de relações entre pais e filhos e entre mulher e homem, companheiros que podem unir-se livremente.

Gonçalves Correia casou em Portimão com Ana do Carmo, no ano de 1905, e desse casamento nasceram 10 filhos, tudo indicando que a vida familiar foi estável. Talvez a última residência da família tenha sido uma casa aparentemente grande e construída em terreno à Rua Tenente Valadim, Beja, que G.C. arrematou, segundo a sessão da Comissão Executiva da Câmara de 29 de Dezembro de 1919.

Contudo, e embora não tenhamos elementos para afirmar que G.C. foi pai de criança(s) nascida(s) na Comuna da Luz, de facto, dois filhos houve fora do casamento, sendo conhecida a relação que teria com uma senhora com quem ideologicamente se identificaria, havendo quem se lembre da sua existência em Beja, com roupa e cabelo que a diferenciavam, vivendo em habitação de poucas condições, mas rodeada de livros, alegadamente de filosofia.

Efectivamente, G.C. referiu-se no Jornal *O Rebelde*, Beja, 10 de Outubro de 1918 (em artigo de comentário acerca de *A Sementeira*) ao percurso que poderia vir a fazer a criança nascida no espaço duma comuna, acrescentando «(...) O signatário do presente espera a intraduzível alegria de assistir ao nascimento d'um filho, que será a primeira criança nascida dentro da "Comuna da Luz". E espera que essa linda flôr humana será bem o specimen dos seres normalizados integralmente, saudável do corpo e do espírito».

G.C. identificava-se por certo com o exemplo de Réclus, a que o seu jornal *A Questão Social*, Nº. 11, Cuba, 19 de Março de 1916 faz referência no artigo sobre aquele professor e prático dos princípios anarquistas, em particular o facto de ter consagrado a união livre da filha e do companheiro, pois entendia que «O seu casamento é ainda mais válido do que o casamento canónico e o do registo civil. O Anarquismo tem por norma uma única lei: 'A Lei do Amor e da Universal Solidariedade'».

Com efeito, pese embora o seu casamento, o próprio Gonçalves Correia seria um adepto do amor livre, da união livre dos que se amam e não seguem preconceitos sociais que os conduzam ao casamento, que em Carta a Uma Mulher classifica de «comédia!», mais ainda o casamento religioso, que pressupõe e torna indissolúvel a relação de duas pessoas, que na verdade e na prática podem não se entender, por razões culturais ou outras.

Nessa carta para a qual remetemos, está em questão a conversa com uma senhora, defendendo Gonçalves Correia que é importante a independência económica, para combater os erros e a tirania da incompreensão, para que a camarada possa prosseguir no seu espírito de rebeldia e afirmação dos ideais comuns. Depois, vai G.C. argumentando sobre a relação entre pais e filhos, justificando que pode haver rebeldia destes em nome do Ideal, ou ainda trazendo à conversa a relação entre a camarada e o seu companheiro, que ele espera ver convertida numa união de amor livre, sem casamento.

Passemos então às palavras de Gonçalves Correia, que em síntese adaptámos neste registo.

Junho de 2017
Francisca Bicho

«Minha Senhora: Desde o dia inesquecível em que, à mesa daquele modesto hotel de Montemor, o "Hotel Natal", trocámos largas impressões sobre os assuntos sempre interessantes que constituem a nossa especialidade, nunca mais tive notícias suas. Vai então de saúde? Oxalá. A saúde, corporal como espiritual, é de todo o ponto indispensável para a felicidade seja de quem for (...)

Conseguiu já, ou espera conseguir em breve, a independência económica sobre que falámos? Desejo-o do coração. No mundo de egoísmos e de baixezas que aí se patenteia miseravelmente aos nossos olhos, é necessário adquirir uma independência económica relativa para se poder fazer propaganda altivamente, à luz clara do sol criador (...). E sobre negócio? Tem feito algo de compensador? Tem vendido muita máquina de escrever? Tem feito muitos seguros? Oxalá. É preciso ganhar dinheiro, muito dinheiro! (...) Nós, os espíritos que voamos a altas regiões, não precisamos de muito dinheiro para desfrutarmos os melhores prazeres da vida. Mas é incontestável que carecemos muito dele para fomentar a revolta sagrada contra o erro e contra a tirania. O erro! Maldito erro! O que terá dito o erro de si, minha senhora, depois de a ter visto viajar sozinha, em carros e em caminhos de ferro? (...)

Sempre foi ao Algarve, como penava, em viagem comercial? (...) Com o seu género de negócio, máquinas de escrever, julgo que poderá ali fazer qualquer coisa de remunerador (e) as vantagens morais também são apreciáveis. O Algarve, terra de Luz, de Sol e de Flores, é uma idílica mansão para os amantes do divino e do encantador (...). E nós, as almas que procuramos Luz, espíritos ávidos do Belo, consciências revoltadas contra uma organização social que infelicita a espécie, corações confrangidos ante os lamentos dos perseguidos, almas ardentes num Ideal sublime de Amor e de perdão, encontramos ali camaradas dos dois sexos cuja dedicação é ilimitada, cuja fé se manifesta de mil maneiras.

Vou citar-lhe um facto, pelo qual poderá apreciar a crença pura, a fé sinceríssima duma nossa dedicada camarada daquela província, professora de ensino livre: aí pelas alturas de

Textos de Gonçalves Correia

«A Uma Mulher»

Fevereiro último, se bem me recordo, publicava eu as minhas "Impressões da Comuna" no extinto semanário "A Questão Social" (...) eu escrevia da comuna e datava de lá as minhas impressões como se de facto já lá vivéssemos muitos comunistas dos dois sexos. Em certa altura recebo pelo correio uma carta entusiástica, assinada pela nossa camarada que já indiquei, documento onde se lia: "Estou encantada com a descrição que fazeis da vida feliz que todos passais nessa ideal comuna da Luz. Poderei daqui a umas semanas, fazendo-me acompanhar de 100\$00 que possuo das minhas economias, ir fazer-vos companhia para sempre?"

Veja, veja, camarada digna! Veja a pureza de sentimentos (...) Como esta mulher, livre de preconceitos estúpidos, conhecedora da Verdade libertária, muitas outras existem naquele Algarve lindo e aromático (...)

Mudando de assunto: Já visitou os seus pais depois daquela sua viagem a Montemor, onde nos encontrámos? Ou continuam eles, por motivo da educação preconceituosa que os não deixa ser justos, de relações um pouco frias com a camarada? (...) Os pais! A indiscutível autoridade paterna, tantas vezes estúpida e condenável! Pois é lá humano, é lá lógico, é lá racional que os pais exerçam sobre os filhos uma autoridade indiscutível? Não, não pode ser! Não, não é justo! Não, não é razoável! A autoridade paterna tem limites. Um pai não pode, não deve exercer sobre os filhos o seu querer absoluto, o seu mando onipotente (...) O pai déspota passou à história. Hoje vê-se, pelo menos deve ver-se, o pai amigo, o pai carinhoso (...) O pai de cacete e palmatória desapareceu com o corte das asas jesuíticas. Hoje vêem-se pais psicológicos, isto é, pais observadores, amigos do estudo da constituição da criança, amigos do seu integral desenvolvimento e do vigor das suas faculdades.

O seu caso, minha bondosa camarada, referente às suas relações com o lar paterno, não é único, creia (...) É censurável que uma senhora de 20 anos, como a prezada camarada, abandone a casa dos pais? No seu caso não é censurável; é antes plausível! (...) O seu caso foi nem mais nem menos do que uma luta gigantesca que se

travou entre o presente e o futuro (...) seus pais, obedientes fiéis do Deus do Céu, do Deus Milhão (...) A camarada, obediente fidelíssima do Deus Razão, do Deus Justiça, do Deus Direito (...) De tudo aqui lhe tenho falado, menos da sua pensada e reflectida ligação livre com aquele moralista insigne que é o nosso camarada D.L. Em que altura vai isso? Sempre pensa na realização desse acto solene? (...) Quando, boa camarada? Quando realizam esse acto da vossa união livre, sem a cooperação da igreja católica, que bem se dispensa, dispensam por serem ultrajantes. União livre! Amor livre! Junção por consentimento mútuo! Ah! Minha rebelde e digna companheira de lutas em prol da Justiça Eterna! (...) Amor livre! Ah! Sim, minha boa camarada! Há-de unir-se livremente, bem o sei! Nem a camarada nem o seu futuro companheiro seriam capazes de se prestarem a desempenhar essa comédia hilariante que é o casamento religioso ou civil, uma das maiores imoralidades da sociedade burguesa! Casar condicionalmente!... Fazer um contrato comercial!... Cooperar com a burguesia, não repelindo as suas instituições!... Não! Sei bem que vós, a boa camarada a quem estou dirigindo, e o independente D.L., repelirão indignamente (...)

O casamento! A grande comédia! (...) E o casamento religioso? Esse então, pior, muito pior do que o casamento civil! Pois haverá coisa mais irracional do que proclamar indissolúveis duas criaturas que amanhã, por questões de educação, de temperamento ou por quaisquer outros motivos, podem aborrecer-se? (...) Do nosso movimento libertário, que me diz? Do movimento sobre ideias, na região portuguesa, o que pensa? (...) Dá pena o que se observa (...) Deixemos passar esse monstro infamíssimo que se chama a guerra (...) Dias melhores virão para Portugal e para todo o mundo! (...).

António Gonçalves Correia

Estreia d'Um Crente,

Edição do Auctor,

Évora, Minerva Comercial, 1917,

pp. 59 - 68

O mundo de Brana (VII)

JA

Enquanto o Universo se distende como uma membrana, parece que a nossa esfera planetária derrapa e gira intensamente, tonteando os Homens, fazendo rebolar tudo e todos nas suas mais dolorosas provações.

27. Foi editado recentemente um livro sobre «Portugal a arder» (período do PREC/75). Ou seja, desde que a moda dos atentados à bomba, fogos/incêndios, etc, pegou. Valia tudo para destruir o «25 de Abril» e a «Revolução». Sabemos que há fogos naturais, por descuido ou por mão criminosa. Mas a moda do fogo terrorista-político de '75 pegou há quarenta e três anos e tem tido várias vertentes de mão humana: interesses de propriedade e especulação imobiliária; interesse madeireiro; patologia psicótica-maniaca. São quatro décadas a produzir ideais favoráveis ao imediato, ao lucro, ao mercado, aos loucos que vão alimentado toda a «fogueira». São quatro décadas de

interesses em aluguer de aeronaves, em estratégias individuais, em negócios, cheias de incêndios e destruição do planeta. Lamentavelmente aconteceu, agora, a tragédia maior de Pedrógão.

28. A magia do futebol continua. Da China maoísta, onde as classes populares foram ideologicamente educadas, vêm propostas de milhões e milhões para o mundo e para a Europa cristã, pia e caritativa pelos desfavorecidos, pobres de rua e doentes. Mas as propostas são para clubes e jogadores...

29. Também temos a magia do dinheiro: Posso retirar uns milhões deste país com desempregados, crianças, pobres, serviços de saúde necessitados e pôr num «Paraíso» fiscal? Pensei que o Paraíso era de Amor não de ladrões?

30. Nesta infelicidade toda nos atentados terroristas de Londres e Paris, duas grandes cidades deste mundo, os media sublinharam que, em Paris, um migrante trabalhador ilegal, escondido numa cave salvou várias pessoas, e, em Londres, foram os miseráveis que dormem na rua a salvar pessoas. Em ambos os casos os

espoliados e esquecidos destas democracias burguesas foram lembrados pela pior forma. 31. A festa continua: festivais, tradições, futebol, shows televisivos, opiniões baratas, discussões fúteis... até à intoxicação final!

32. Continua e bem: um banco abriu linha directa para depósitos-oferta-ajuda e à cabeça ofereceu a gigantesca quantia de 50 mil euros para os afectados pelos fogos. Um dia antes, o mesmo banco (público) era notícia por armazenar uma pequena quantia de vários milhões de euros para indemnizar (?) os seus gestores...

33. Mas continua mesmo! As Finanças, vejam só, prolongaram até ao fim do mês, cerca de 10 dias, o pagamento de impostos às pobres populações atingidas por fogos. Como sabem, muitos ficaram sem casa, sem nada... Grande avaliação da situação e grande ajuda! Aos poderosos e ricos, por vezes em falta ou tentando ludibriar o fisco, anos seguidos, eles (finanças, governo, deputados) legislam ou dão um perdão fiscal! Quando mete tribunais, às vezes ainda os indemnizam... ■

Joaquina Dorado Pita (1917-2017)

La insobornable

Antonina Rodrigo

Quando conocí a Joaquina Dorado, era ya para mí una mujer legendaria. La había descubierto en el libro *La mujer en la lucha social (La guerra civil de España)*, de la gran Lola Iturbe. Luego, Eduardo Pons Prades, me habló de ella con verdadera admiración. Había trabajado a sus órdenes en el Sindicato de la Madera, adolescente, niño de recados, llevando sobres y encargos de una lado para otro, cabalgando en su primera bicicleta. Al parecer, Joaquina era una mujer que a nadie dejaba indiferente: Bonita, pequeña, de aspecto delicado, pero mujer gigante y enérgica, insobornable, como la hemos conocido todos, hasta el final de sus días.

Joaquina llegó a Barcelona, de su Coruña natal, en 1934. Tenía 17 años, traía ya inculcado el germen de la rebeldía, incubado en su barrio de pescadores de Santa Lucía Morelos. El frecuente aviso de las sirenas, llamando a naufragio la marcó para siempre. Llegaban las mujeres de los marineros, despavoridas ante el anuncio de la tragedia. Los llantos y quejas de dolor, sus gritos acusatorios, desgranaban el drama de sus vidas, la situación de sus casas y de sus hijos huérfanos por un jornal de miseria. Ese fue el motor de su lucha en aquellos desolados escenarios de vida y muerte, de las gentes que faenaban en la mar y, que un mal día no regresaban, dejando a mujeres e hijos hundidos en la en la pobreza absoluta.

En Barcelona Joaquina trabaja como tapicera y barnizadora y se sumerge en el ambiente palpitante de la lucha obrera, donde expandir sus anhelos solidarios. Milita pronto en la CNT, en el Sindicato de la Madera y en las Juventudes Libertarias. El 18 de julio de 1936, la joven generación de Joaquina, va a adquirir una madurez y un sentido de la responsabilidad, que no correspondía a su edad cronológica. Y se integran a los grupos surgidos de la clase trabajadora, en marcha a los frentes de batalla.

De ésta primera andadura de la historia de Joaquina se va a hablar hoy, en homenaje a su

memoria. Yo quiero recordar algunos momentos de íntima conmoción en su vida, en donde la vi vibrar, porque tocaban su fibra de insobornable luchadora, sostenida a lo largo de sus cien años de vida. De ahí, que uno de esos momentos mágicos que tuve la suerte de vivir de cerca, fue la creación en Lisboa, en 2005, del "Círculo Joaquina Dorado y Liberto Sarrau", que Elisa Areias y Luis García de Silva, fundadores del Centro de Estudios Libertarios y directores del periódico *A Batalha*, le dedicaron a Joaquina y Liberto. Liberto fue el hombre en la vida de Joaquina y compañero en la lucha antifranquista, detenidos en reiteradas ocasiones, sufrieron largos años de prisión. Grabados en su cuerpo la ferocidad de los interrogatorios, en tenebrosas dependencias policiales. Cuando la tortura dejó a Joaquina fuera de juego, creían los matarifes de la cruzada, la enviaron a morir a su casa. En cuanto pudo huyó a Francia. Joaquina fue mujer de huídas, de la guardia civil, de la policía, de los campos de concentración, de los geriátricos.

En el nutrido programa de los actos en Lisboa, tuvo gran importancia la exposición sobre la guerra, el exilio, la participación de los españoles en la resistencia durante la Segunda Guerra Mundial y la lucha clandestina de los guerrilleros españoles en montañas y ciudades, contra el franquismo, en los que Joaquina, bajo el nombre de Nuri, actuó de enlace con Quico Sabaté, dentro y fuera de España.

Otro momento de esplendor para Joaquina, fue el encuentro de Exilios Femeninos, que La Xunta de Galicia y la Universidad de Pontevedra, organizó en la Illa de San Simón, (Pontevedra), bajo la dirección de la profesora Aurora Marco, de la Universidad de Santiago. La Illa, convertida en tiempos tenebrosos de la posguerra, en prisión de represaliados republicanos, con fusilamientos en agosto de 1938, fue el exuberante escenario de los actos. Las exiliadas, llegaron de diferentes países de Suramérica, México, Cuba, Chile, a ofrecer sus testimonios de lucha, cárceles, torturas y desarraigo, enraizadas ya en sus países de acogida, por la desesperanza de tan largos



años de la dictadura franquista, hasta quedar ancladas por la cadena biológica de la vida: los hijos y los nietos, escindidos ya sus sentimientos. Algunas de las convocadas, en su imposible retorno, las representaban sus hijas, depositarias de la memoria familiar.

Nos asombraron sus testimonios, convertidos ya en materia de estudio. Joaquina estaba radiante, la oíamos hablar en su lengua de nacimiento, dormida durante tantos años en lo más recóndito de su recuerdo. Exponía sus vivencias con entereza y sostenida emoción, conservadas por la persistencia de la memoria y la morriña.

Y para terminar este capítulo de gesto satisfechos:

El homenaje que hace tiempo decidimos organizar cada año, ante las tumbas, que ocuparon: Ferrer y Guardia, Francisco Ascaso, y Buenaventura Durruti, en el cementerio de Montjuic, en la fecha de la muerte de Durruti, el 20 de noviembre de 1936, en el frente de Madrid.

Para la emoción de Joaquina, el hallazgo del periódico mural *Voluntad*, que durante la guerra, publicaban las Juventudes Libertarias

del Sindicato de la Madera Socializada, en donde ella colaboraba, y que encontramos en la Biblioteca del Pavellón de la República, de Barcelona.

Y, por último, la visita a la tumba de Quico Sabaté, en el cementerio de San Celoni, un cinco de enero, día del aniversario de su asesinato. Aquel día lloró la Nuri, sin detener las lágrimas, por el fiel compañero de lucha.

Mujeres como Joaquina, encarnan a miles de luchadoras anónimas que hicieron posible, la primera gesta revolucionaria de signo libertario, a cuyo compás latió entusiasmado, apasionado el corazón del mundo. Mujeres que tenían clara conciencia, que afirmaban su derecho a ser reconocidas como seres conscientes, capaces de asumir cualquier papel, por encima de sus compañeros, sin menoscabo de su condición de mujer.

Por lo tanto, debe constar a todos, que ni un solo de los mínimos derechos, de que hoy disfrutamos, hubiese sido realidad sin el combate valiente, tenaz y generoso de mujeres como Joaquina Dorado. Salud.

Barcelona, 10 de junio del 2017

Brasil do futuro

J. Chagas

Nenhum território pode ser uma representação de cosmética ou bricolage, dando a ilusão momentânea de que tudo estará bem ao mesmo tempo que esconde a dor, fome e pobreza. Essas experiências conjunturais e de conjectura política que entusiasman os partidários da exploração (ações, mercados, lucros, altas) são fases intermédias do paradigma falhado que vivemos há milhares de anos. E tem acontecido intermitentemente: muda-se de rei, muda-se de república, aceita-se ditadura, muda-se, afinal, na forma como se explora pessoas e recursos... O Brasil do Futuro será qualquer

coisa que nós não sabemos, fora dos meandros políticos, económicos e sociais actuais. No Brasil não haverá mais lugar à exploração humana e ao lucro, não haverá mais uma única casa favelada, não haverá criminalidade, não haverá senhores e coronéis. O povo será um imenso exército de «capitães da areia» do amor e do bem.

A idade futura será brasileira. O povo excluirá dos circuitos de suas vidas as relações hierárquicas, o pobre e o rico, a exploração e o lucro e todos os mecanismos actuais que sufocam os humanos brasileiros: ações, concorrência, representações partidárias, empréstimos, dívidas, pagar saúde, crime, etc.

Em determinado momento se reunirão condições para que os irmãos brasileiros tenham uma visão clara da sua sociedade e território, das suas florestas, serras e rios, das suas cidades, do potencial natural, técnico e científico em áreas da habitação, saúde, alimentação, educação e numa tomada de consciência irão abolir a sociedade de classes e grupos, o trabalho se tornará obra colectiva de combate à pobreza e fome e de redistribuição. Das favelas e morros não-de descender pessoas que se recolocam em prédios abandonados nas cidades e campos desprezados por antigos donos-patrões, outros ficarão nesses lugares repovoando os espaços de

natureza e árvores de fruto, criando agradáveis espaços florestados. O modelo eco-vivente dos indígenas expandir-se-á com o repovoamento e retorno de grandes florestas e a nova consciência colectiva, onde os povos estarão desamarrados ao estado e da sua administração e suas políticas impositivas e erradas. Serão demolidas ocupações e morros pobres. A mão-de-obra disponível do exército e de exércitos de desempregados, abandonados e outros, completarão milhões de habitações, dando às populações qualidades negadas até hoje, geradoras de sofrimento. Florescerá a observação e amor pela vida, a tranquilidade, não a passividade miserável e pobre do Brasil actual. Como a economia capitalista do lucro e dinheiro não funcionará, se auto-desactivará e/ou implodirá, as grandes propriedades latifundiárias abandonadas acolherão milhões de brasileiros que repovoarão com negros-escravos, índios, sem terra e desfavorecidos o território de António Vieira, de forma austera mas feliz, laborando fora do individualismo capitalista e lucropata. Esse Brasil será politicamente tão avançado, sem representações eleitorais ou do povo, que já não haverá lugar à propriedade, nem à ilusão da economia mercantil, suas aquisições supérfluas e suas representações político-partidárias. Nesse Brasil nem comissões de base ou outros comités serão

necessários, tal a transformação que se operará naquele território, a qual não conseguimos alcançar, baseada no amor, entreatura e felicidade entre povos da terra-brasilis. Todo o Brasil será um colectivo de repartição e partilha consciente depois da queda do seu sistema político-partidário favorável a algumas famílias, depois da anulação natural do modelo económico produtivo capitalista mundial instalado no território há cinco séculos e a terra brasileira será abraçada de forma feliz e alegre pelo povo do Brasil que viverá de forma simples e consciente uma vida futura conjugada com seus recursos. Coronéis, brancos, ricos, favorecidos, criminosos, compreenderão que aquele território já não funciona com medos, cercas separadoras e castradora. Já não lucra com «cabeças de gado», droga ou meios de comunicação porque o povo virou-se para si próprio construindo autonomamente uma outra realidade, uma colectividade desfavorável às políticas, economias e sociedade actuais. Haverá um período, dentro do próprio Brasil, em que tudo isso cairá por anulação consciente do povo. E nada disso terá valor. Os valores estarão na repartição e entreatura, na ecologia, na saúde e felicidade.

O Brasil será qualquer coisa que não imaginamos e que contaminará o novo paradigma mundial. Viva o povo brasileiro! ■

3º Fórum Geral Anarquista

Mário Rui

Realizou-se de 16 a 18 de Junho na cidade de Campinas, perto de São Paulo, o 3º Fórum Geral Anarquista, organizado mais uma vez pela Iniciativa Federalista Anarquista (IFA).

A IFA é uma organização formal, de natureza federalista como o próprio nome indica, sendo constituída actualmente pelos seguintes grupos: Liga Anarquista do Rio de Janeiro, Fenikso Nigra de Campinas, Comuna Anarco-Punk Aurora Negra, dinamizadora do Centro de Cultura Social da Favela Vila Dalva na zona oeste de São Paulo, e Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri (NELCA) de Guarujá, cidade situada no litoral de Santos. Saliente-se que esta IFA é aderente à outra IFA, a Internacional das Federações Anarquistas, desde o seu último congresso, que ocorreu

em Frankfurt no início de Agosto de 2016, durante o qual também aderiram mais duas organizações do continente sul-americano: a Federação Anarquista Local de Valdivia (região chilena) e a Federação Anarquista do México.

O Fórum decorreu numa casa de um piso com jardim, pertencente à comissão de moradores do bairro Novo Campo Elfeos, tendo a respectiva direcção e alguns moradores assistido ao evento. Ao longo dos três dias, cerca de oitenta pessoas apareceram para participar nas diversas actividades que estavam programadas, desde as "rodas de conversa" informais até aos grupos de discussão e às apresentações mais formais ao final do dia. Com um programa cheio, em que muitas vezes a vontade era estar em mais do que uma conversa ou discussão ao mesmo tempo, sobressairam as apresentações sobre os "100 anos da greve geral de 1917", da autoria de Alexandre Samis, e

sobre os "100 anos da revolução russa" com René Berthier, da Federação Anarquista francesa.

O programa incluía um grupo de discussão sobre o anarquismo em Portugal, onde fiz uma resenha da sua história, seguida da apresentação do livro *Preferi roubar a ser roubado!*, recentemente editado pela Barricada de Livros. Infelizmente, o horário deste grupo de discussão coincidiu com o do grupo sobre os "40 anos do Inimigo do Rei", jornal baiano que marcou uma época (também em Portugal) e que foi muito importante na renovação do anarquismo brasileiro no período pós-ditadura.

A participação foi efectiva, tendo algumas actividades se prolongado para além do previsto devido a acaloradas discussões teóricas. Por outro lado, verificou-se uma grande partilha do espaço, entre militantes com muitos anos de activismo e jovens à

procura do seu caminho e com ânsia de aprender. Mais uma vez, fiquei com a ideia de que o anarquismo no estado brasileiro está em crescimento e isto apesar de algumas "tricas" pessoais ou organizacionais que, infelizmente, também existem por lá.

Uma última palavra para a organização, que foi excelente em todos os aspectos: cumprimento ou ajustamento de horários, actividades complementares, alojamento no bairro para todos aqueles que o solicitaram. O grupo responsável pela cozinha, apesar de toda a ajuda que recebeu, fartou-se de trabalhar, pondo à disposição dos participantes pequeno-almoço, almoço e jantar com comida vegan de boa qualidade e em abundância.

Em conclusão: venha daí o 4º Fórum...

O trabalhismo do pós-guerra

José Augusto

Sob o título *O Espírito de 45*, a RTP2 exibiu um excelente documentário sobre a Inglaterra trabalhista do pós-Segunda Guerra, quando o Labour se assumiu como socialista e anti-fascista, ouvindo-se expressões práticas como «fascismo nunca mais» os ricos têm tudo e «tudo se organiza em proveito deles», somos «nós e eles». Nesses momentos a população receando mais pobreza, miséria e fascismo mobilizou-se em torno do «programa socialista» dos trabalhistas e assim se operaram mudanças profundas na sociedade inglesa contra os ricos, o capitalismo e... o sistema bancário, repondo igualdade na sociedade inglesa. Um dos testemunhos dessa época recebeu a seguinte mensagem: «lembra-te disto, não deixes [mais] acontecer, continua a combater a fome, ignorância, ociosidade, doença e miséria para onde nos arrastam». O partido trabalhista e trabalhadores clamavam os «recursos para o povo inglês». E assim os conservadores foram derrotados e havia duros mineiros a «chorarem» de alegria e esperança. Os trabalhistas durante vários anos nacionalizaram sectores vitais da economia e recursos, desenvolveram políticas em que os «bens seriam comuns» a todos os ingleses, construíram casas para

operários e miseráveis (os donos da Inglaterra, achavam demais duas casas de banho em casas operárias), desenvolveram programas de saúde, escolaridade, etc.

Acontece que, na década de 80, os conservadores de Margaret Thatcher (a ministra que lançou para o fundo do Atlântico bidons com resíduos nucleares. E agora? Não vai ao «Tribunal de Haia», ela ou a Inglaterra?), sob influência do neo-liberalismo dos cowboys Reagan e Milton Friedman, convence o povinho que o «importante é cada um enriquecer», ganha as eleições e desmantela décadas de «socialismo» trabalhista: desinveste na indústria, retirando-lhe capacidade; apodera-se do estado e paralisa-o; coloca o estado sob influência do mercado livre, descontrolado e privatizado; reduz salários, despede compulsivamente, neutraliza os sindicatos (que também capitulam), utiliza fura-greves, cria um estado policial contra os reivindicantes («Quem manda bater?», queria um indignado saber).

No presente temos, infelizmente, muitas cópias e exemplos deste neo-liberalismo em Portugal, Grécia, Europa, etc. num trabalho parcial a favor do capital e da importância de enriquecer uns quantos, empobrecendo milhões.

O liberalismo de Thatcher teve a seguinte actuação de privatizações, cujas vítimas se lamentavam nos depoimentos do documentário: 1983- privatização de serviços de limpeza, refeições, etc, no SNSaúde, diminuindo a empregabilidade e aumentando os custos de 6% para 12%. 1984- telecomunicações; águas. 1985 – «Aerospace». 1986 – gás; desmantelamento de empresas de camionagem.

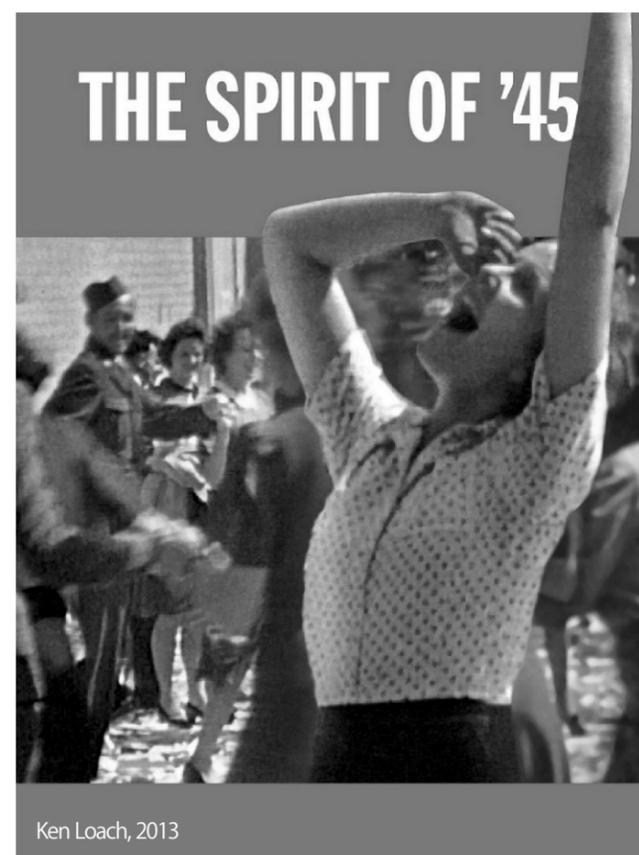
1987 - Rolls Royce e «Airways». 1988 – siderúrgias. 1989 – definitivamente as águas.

acidentes; pessoal contratado não é ferroviário). 2003 – liberalização dos correios (redução das entregas). 2011 – privatização de 90% dos correios. Mudem as siglas, pensem um pouco no Portugal capitulado, no Portugal de Portas&Coelho e parece que o filme é o mesmo...

Os vivos que têm testemunhado a Inglaterra de 1945 até hoje lamentam aldeias cheias de jovens dedicados à droga e roubo, a necessidade de se ter um seguro para assistência médica, o país entregando benefícios aos ricos, sindicatos e partidos controlados pela classe média-burguesa, etc, etc, neste «capitalismo atencioso», nesta Inglaterra sem «país para os pobres». «Vamos lutar!», dizem.

O documentário, sobre este período histórico e os testemunhos de gente ainda viva, não mostrando um país num «apogeu» de igualdade social ou formas de organização social muito evoluídas, constitui interessante documento

que nos leva a reflectir sobre o presente e uma multidão de catástrofes sociais, políticas, militares e de estado(s) que nos atormentam.



Ken Loach, 2013

1983-94 – havia 184 minas, foram privadas; só restavam quinze. 1989 – abolição do regime de trabalho portuário (contratação precária de não estivadores); electricidade. 1994 – caminhos-de-ferro (estiveram na falência;

O terror negro

A Batalha

Em 1981, a Antígona editou a tradução portuguesa de *Ravachol e os anarquistas* de Jean Maitron. 36 anos depois, volta a publicar-se um novo livro sobre a relação entre ilegalismo e anarquismo, desta vez saiu sob a chancela da Barricada de Livros. Para este número de *A Batalha*, sentámo-nos à mesa com Mário Rui Pinto (MRP), do colectivo editorial, para falar sobre *Preferi roubar a ser roubado! Textos sobre o roubo revolucionário* e sobre o seu percurso enquanto militante anarquista, que passou pelas páginas de *A Batalha* e às quais regressa. Bem-vindo!

A Batalha: Podemos iniciar esta conversa à volta d'*A Batalha*, pois fizeste parte da redacção durante largos anos. Como se iniciou a tua colaboração no jornal e como acompanhaste o seu trajecto entre as décadas de 1970 e 1980, passando de um periódico quase só destinado ao mundo do trabalho a uma publicação com uma forte componente de cultura libertária?

MRP: Apesar de ler *A Batalha* desde o 1º número, creio que de Setembro de 1974, só passados alguns meses é que entrei pela primeira vez na sede da Rua Angelina Vidal. Quem me abriu a porta foi uma figura inesquecível para mim, o Custódio da Costa, sobrevivente do Tarrafal, típico militante de base, sempre disponível para qualquer tipo de trabalho. Depois, entre outros, conheci o Emídio Santana, a Lígia de Oliveira, o Acácio Tomás de Aquino e o Artur Modesto, outra pessoa que muito me marcou pela sua bondade e calma em todas as circunstâncias. Todos resistentes ao Estado Novo e que estavam a reactivar o jornal. Havia uma certa vontade em recuperar a aura que *A Batalha* teve até 1927, como se notava pelo entusiasmo de editar quinzenalmente o jornal. O problema é que este entusiasmo não era partilhado pelo resto da população, pois a memória d'*A Batalha*, e do anarquismo em geral, tinha sido apagada durante o fascismo. Com o passar dos anos, as grandes tiragens iniciais diminuíram e a edição passou de quinzenal para mensal. O jornal também não era muito atractivo graficamente. Parecia uma manta de retalhos. O director era o Emídio Santana, mas não havia qualquer indicação sobre quem era a redacção e raros eram os artigos assinados. Comecei a escrever no jornal só em 1977, depois de uns anos de "aprendizagem", ao mesmo tempo que aparecia uma fornada de colaboradores jovens: Rui Vaz de Carvalho, Carlos António, José Tavares, Carlos Reis, Miguel Serras Pereira, Carlos Fontes, António Cândido Franco, André Bandeira, José Maria Carvalho Ferreira, etc. Na altura havia muita coisa a acontecer, pelo que a redacção era muito volátil. Alguns destes nomes não coincidiram no tempo. As pessoas entravam e saíam com facilidade. Só o Emídio e a Lígia se mantinham. Eu, por exemplo, a partir de 1979 também fazia parte da Mandrágora, uma associação cultural de Cascais, sucessora do jornal "anarco-humorístico" *Pasquim*. Dedicávamo-nos ao teatro e à arte postal e mais tarde fizemos algumas edições. Com esta entrada na redacção d'*A Batalha* de colaboradores de uma geração muito mais nova, o jornal teve um salto qualitativo a nível gráfico e os temas abordados também se foram alterando. Se, no início, a quase totalidade do jornal era direccionada, principalmente, para as lutas dos trabalhadores e questões sindicais e, também, para a análise crítica do papel da

Intersindical no movimento operário, a partir do quarto ano de publicação nota-se uma abertura a certos temas, até então completamente ignorados, como cultura, ecologia, antimilitarismo, quotidiano, prisões, nos quais o anarquismo se fazia sentir com mais intensidade do que nas fábricas. Com a entrada de novos redactores, estas questões começaram a ser abordadas através de uma óptica libertária. Quando a redacção decidiu que as páginas d'*A Batalha* deviam dividir-se em secções temáticas, fiquei com a página cultural, talvez por também pertencer à Mandrágora. Esta página começou a integrar textos sobre cinema, teatro, literatura ou música. Os tempos das resenhas às publicações exclusivamente anarquistas, como *A Voz Anarquista* ou os livros de memórias sobre o 18 de Janeiro, deram lugar a um período no qual o jornal se abria às novas realidades e aos novos problemas e dúvidas da sociedade de então.

A Batalha: Além d'*A Batalha*, também tiveste um papel muito activo na feitura da *Utopia* (1995-2012), que foi uma das mais interessantes revistas anarquistas dos últimos 40 anos em Portugal. Como foi a tua aproximação à



Preferi roubar a ser roubado!
Barricada de Livros
Lisboa, 2017, 116 pp.

Associação Cultural A Vida, como surgiu a tua relação com esta publicação e o que te motivou a entrar para o seu colectivo redactorial?

MRP: Um dia encontro a *Utopia* numa livraria e começo a folheá-la porque o epíteto "Revista anarquista de cultura e intervenção" despertou-me a atenção. Começo logo a reconhecer uma série de nomes do colectivo redactorial ou colaboradores, como o do José Maria Carvalho Ferreira, Carlos Nuno, José Tavares, Félix, Rui Vaz de Carvalho ou Júlio Henriques. Esta minha descoberta da revista coincidiu, mais ou menos, com algumas alterações no grupo que a editava devido, penso, à doença prolongada e posterior falecimento do Rui. Com a recomposição da redacção, o José Maria convidou-me para fazer parte dela e eu aceitei, ficando até ao último número, em 2012, apesar de já não ter participado na sua elaboração, nem me rever nele. O grupo era bastante heterogéneo, porque cada pessoa tinha feito um percurso muito próprio até chegar à *Utopia* mas, praticamente, todos tinham passado pel'*A Batalha*, se bem que alguns em tempos diferentes. Mas conhecíamos-nos, havia

amizade e afinidade de ideias. O colectivo era aberto e fomentava a própria discussão interna sobre os temas que serviam de base a cada dossier temático. Quanto ao conteúdo da revista, havia textos nossos e artigos da autoria de muitos colaboradores, sendo que beneficiávamos de ter um forte relacionamento com o Brasil e com pessoas como o Jaime Cubero e o Edson Passetti ou o Christian Ferrer, na Argentina. Não havia qualquer ortodoxia nem uma visão única do anarquismo, convivendo vários argumentos sobre o mesmo assunto nas páginas da revista. Como é evidente, tudo tem o seu tempo, as pessoas têm o seu percurso para fazer, algumas afastam-se e, muito naturalmente, a *Utopia* termina a sua publicação.

A Batalha: Há uns meses decidiste lançar-te na edição de livros com a Barricada de Livros, cujo primeiro título é *Preferi roubar a ser roubado! Textos sobre o roubo revolucionário*. Além dos textos de Clément Duval, de Alexandre Marius Jacob e, presumivelmente, de Enrico Arrigoni, são da tua autoria as notas biográficas sobre Duval, Marius Jacob e Miguel Arcángel Roscigna, uma breve

congresso serviram também para chegar à conclusão de que com a propaganda "legal" não se estava a conseguir nenhum propósito transformador, por isso seria necessário aplicar novos meios de difundir as ideias anarquistas. A partir desta data, entra-se numa década caracterizada por um certo desapontamento em relação à propaganda normal (jornais, revistas, sessões de propaganda, etc.), que não estaria a resultar como os anarquistas queriam, iniciando-se a "propaganda pelo facto", para agitar mais as águas, com uma explícita esperança de que este tipo de acções pudesse despoletar revoltas fortes que conduzissem à revolução. Isso foi aproveitado pelo estado e pela imprensa para denegrir o anarquismo, apelidando-o de "terror negro", quando na verdade foram atentados quase sempre defensivos e direccionados. Poucos são os atentados indiscriminados, como o atentado bombista de Émile Henry, na Gare Saint-Lazare em Paris. Quase sempre os atentados são dirigidos a figuras das classes dominantes que encarnam o poder e a repressão, como aconteceu, por exemplo, com o presidente da França, Sadi Carnot, apunhalado por Caserio, ou com Humberto I de Itália, assassinado por Bresci. Ou bombas em casas de juizes ou em esquadras da polícia. O que é verdade é que estes atentados também não originaram grandes revoltas, nem deram à luz grandes movimentações de massa. Ligado ou não a isto, há anarquistas que enveredam pelo ilegalismo. São pessoas que não aceitam trabalhar em fábricas insalubres, serem exploradas pelo patrão para ganhar meia dúzia de tostões. Mendigar também não é possível porque consideram este acto degradante. Portanto, há um enveredar pelo roubo revolucionário durante a Belle Époque, que não teve nada de bela para os trabalhadores.

A Batalha: Depois dessa década negra, marcada por uma série de atentados contra chefes de estado e figuras cimeiras dos regimes europeus, parece existir uma repressão dupla: por um lado, os estados europeus reforçam a perseguição política com as leis anti-anarquistas e, por outro lado, tens uma corrente maioritária, que se opõe à tendência ilegalista, como seria o caso do anarco-sindicalismo. Os ilegalistas foram apoiados pela facção individualista. A relação era de grande proximidade entre individualistas e ilegalistas?

MRP: A própria entrada dos anarquistas nos sindicatos gera muita discussão. Há aqueles que acham que a propaganda normal não está a funcionar e que os atentados também não estão a correr bem, por isso começam a procurar o mundo do trabalho. Daí a entrada dos anarquistas nos sindicatos como solução. Na época, talvez não fosse mal pensado: os sindicatos não tinham partidos políticos e os libertários passavam a estar no coração do mundo do trabalho. Houve alguns que não concordaram e mantiveram a sua actividade fora destas organizações, como foi o caso dos individualistas. Estes consideravam que a entrada nos sindicatos conduziria os anarquistas a uma situação de mera reivindicação pela melhoria dos salários ou do horário de trabalho, além de que a organização perderia força porque seria abafada por burocracias e perder-se-ia o objectivo final da revolução. É desta corrente do individualismo que vêm os ilegalistas, pois a fronteira entre as duas correntes foi sempre muito ténue. O individualismo foi a corrente mais simpática para com o ilegalismo, sendo que muitos autores não

fazem distinção entre elas. Mas mesmo na outra corrente dominante, a comunista libertária, houve alguns simpatizantes, como terá sido o caso do Elysée Reclus, que admitiu que se os roubos serviam um propósito revolucionário e não apenas para benefício próprio, então deviam ser apoiados pelos anarquistas.

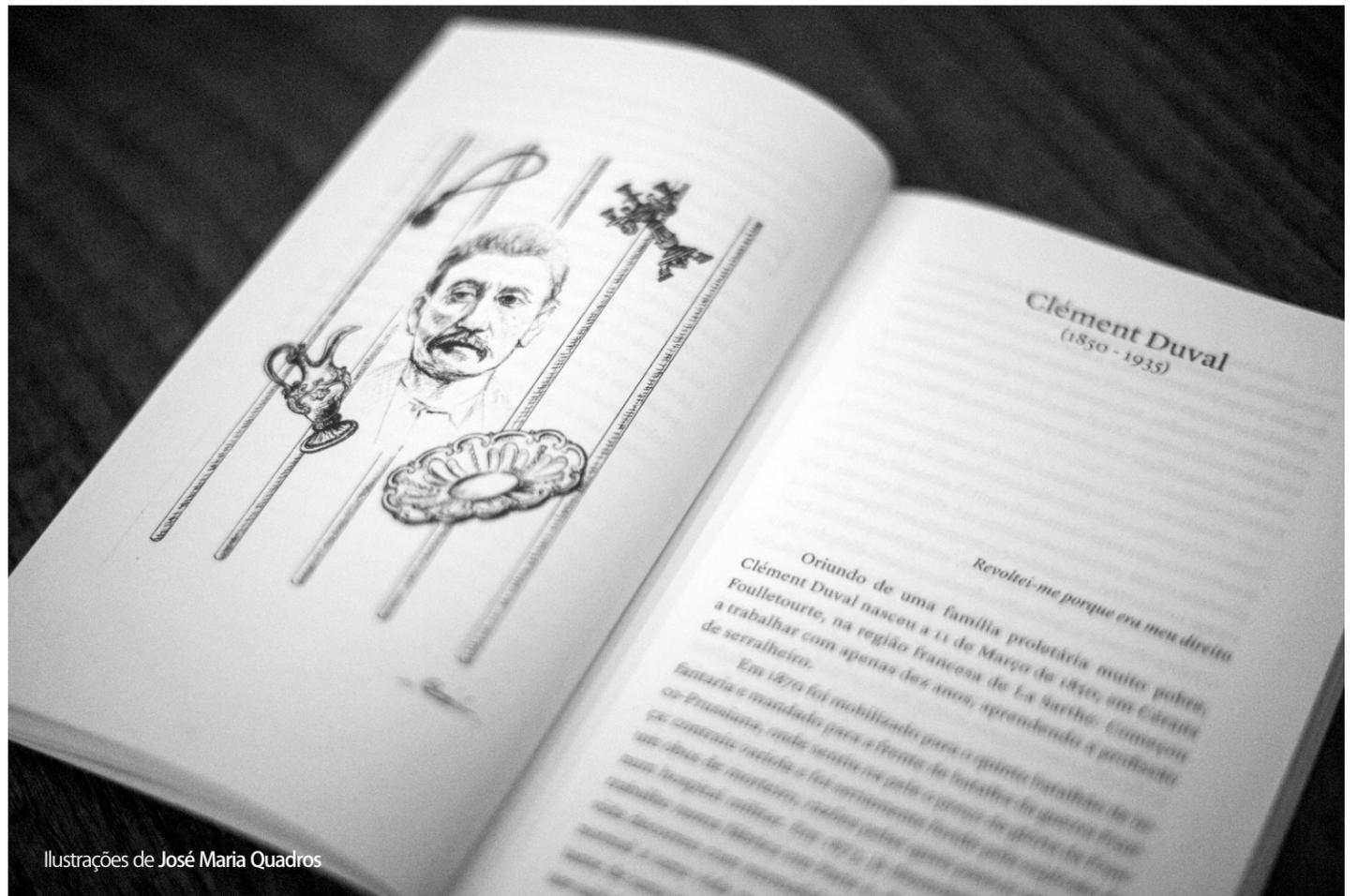
A Batalha: Aflora a questão do Bando Bonnot no texto introdutório, mas não exploras muito uma questão fundamental. Porque é que as acções do Bando Bonnot tiveram como efeito o fim do ilegalismo na Europa?

MRP: O Bando Bonnot sempre teve uma aura mítica à sua volta, talvez por causa de algumas particularidades dos seus membros, como serem vegetarianos, terem passado pela comunidade anarquista de Romainville nos arredores de Paris, não beberem álcool, mas sobretudo pela sua trajectória e pela forma como morreram. Mas os assaltos tinham, claro, de ser bem planeados. Por exemplo, o Marius Jacob era bastante minucioso e, como admite em tribunal, elevou o roubo à forma industrial. O próprio Roscigna chegou a fazer um assalto a 100 metros de um quartel de infantaria, pois tinha tudo tão estudado que ninguém dava por nada. Pelo contrário, o Bando Bonnot não tinha esta preocupação com a minúcia. Ficaram conhecidos por terem feito o primeiro assalto a um banco com automóvel! O primeiro assalto que fizeram foi a um indivíduo que transportava uma mala com os depósitos de um banco. Apesar de não precisarem de o fazer, alvejaram o indivíduo e mataram um vigilante que o acompanhava. Numa outra ocasião, na qual pretendiam roubar um automóvel, em vez de bloquearem a estrada e fazerem sair os passageiros, decidiram disparar contra quem estava dentro do carro. Feitos pelo Marius Jacob ou pelo Roscigna estes assaltos teriam sido simples e limpos. Claro que isto gerou uma espiral de violência da qual o grupo já não conseguiu escapar. A forma como Bonnot morre, cercado durante horas por centenas de polícias e com uma multidão de curiosos a assistir, serviu para mitificar um grupo que, na minha opinião, em nada contribuiu para o movimento anarquista. Os próprios individualistas começaram a repensar a sua ligação ao ilegalismo e terá sido nesta altura que E. Armand afirma que nem todos os métodos podiam ser aceites. O individualismo começou a esmorecer e as próprias transformações sociais, económicas e até a nível da investigação policial ocorridas nas sociedades europeias com a 1ª Guerra Mundial contribuíram para o fim desta primeira fase do ilegalismo europeu.

A Batalha: Parece que pode surgir um problema a partir desta concepção: porque é

que não há dignidade em roubar para proveito próprio? Por exemplo, um conjunto de assalariados, que toda a vida foram explorados, decidem roubar um aristocrata ou um burguês para garantir às suas famílias uma vida mais confortável. Não estão a apoiar financeiramente o movimento anarquista, mas as vidas dos que estão mais próximos. Os ilegalistas de que falas no teu livro não viam este tipo de roubo como um acto legítimo? Fala-nos também do conceito de roubo revolucionário, que está na raiz do teu livro.

MRP: Provavelmente sim, mas a forma como agiam e distribuam os resultados dos seus assaltos era diferente. Naquela altura, eles podiam considerar esse caso como o de um roubo "normal". Quer o Duval quer o Marius Jacob afirmavam, e praticavam, que parte do valor roubado tinha que ser obrigatoriamente direccionado para o movimento anarquista. O mesmo aconteceria mais tarde com os expropriadores que actuaram na Argentina e no Uruguai. Uma parte muito significativa dos



Ilustrações de José Maria Quadros

roubos destinava-se a financiar as fugas de companheiros presos, as campanhas para a libertação de Simón Radowitzky e de Sacco e Vanzetti e a actividade editorial de Severino di Giovanni. Não era para que eles pudessem viver melhor ou pior, mas para que a causa anarquista ganhasse um motor material. No

caso dos expropriadores espanhóis, as actividades ilegalistas eram essencialmente para financiar a luta anti-franquista, através da compra de armas, impressão de material de propaganda ou mesmo atentados, como foi o caso da tentativa de assassinar Franco em 1948, em San Sebastián, com um pequeno avião, protagonizada entre outros, pelo Ortiz. O nosso 2º livro vai ser sobre um grupo francês que se chamava *Os Cangaceiros*. Nunca se intitularam anarquistas, sempre criticaram as organizações "revolucionárias" e de guerrilha urbana, assumiam-se como um grupo de delinquentes, que roubava, vandalizava e sabotava. Mas o seu objectivo era editar panfletos, revistas, livros e estarem envolvidos nas lutas operárias, como as dos mineiros das Astúrias e da Grã-Bretanha. Em França, a principal área de actuação deste grupo foi a luta contra as prisões. Uma das acções que fizeram, entre muitas, foi a destruição de todos os carros que acompanhavam o famoso Tour de France em bicicleta, outra foi graffitar os comboios com as reivindicações dos presos.

objectivo de viver só do roubo e esquecer tudo o resto. O objectivo era político e revolucionário. Daqui nasceu, necessariamente, a noção de roubo revolucionário, que assenta na ideia de que tem de existir qualquer coisa além do mero roubo, isto é, tem de se projectar o roubo para o domínio da luta política e social.

A Batalha: O segundo livro da Barricada de Livros está já em preparação e está relacionado com *Os Cangaceiros*, de que acabaste de falar. Queres abrir o jogo?

MRP: Sim, estamos a preparar um livro para que saia durante a Feira do Livro Anarquista de Lisboa (6 a 8 de Outubro). O título vai ser *Os Cangaceiros* e será uma antologia de textos deste grupo, divulgados sobretudo nos três números da sua revista, com o mesmo nome, publicada entre Janeiro de 1985 e Junho de 1987. Também sairão outros textos de outras publicações do grupo. Que se saiba, este grupo nunca se intitulou anarquista, assumiu-se como "bandidos sociais", mas teve sempre

Isto no final da década de 1980. A partir daí, os comboios começaram a ser utilizados como instrumentos políticos. Em todos estes casos que falei, há sempre um propósito que transcende a mera sobrevivência do indivíduo. Há sempre um objectivo que não passava apenas por roubar para viver. Não havia o

uma prática horizontal e anti-autoritária, salientando-se como já disse na luta anti-carcerária. Publicaram textos muito interessantes, como se verá, tiveram uma prática que, na opinião do colectivo editorial, deve ser apreendida e divulgada, e de repente desapareceram. ■

Crust em Beja

A.

O festival Santa Maria Summer Fest é, desde há uns anos a esta parte, uma das mais intrigantes propostas no (saturadíssimo) panorama "festiveiro" português. Por um lado, a léguas de distância dos *happenings* "marqueteiros" de uma qualquer corporação que aproveita o Verão para continuar a sangria que, durante todo o ano, lhe é permitida à conta de uma clientela oferecida em mercado monopolista ou lá bastante próximo. Seria enfadonho enumerar e esta não fixação até tem o condão de,

provavelmente, alargar na mente do leitor o número de exemplos. Quem sabe até enfiando a proverbial carapuça...

Por outro lado, o SMSF também não faz parte de um aborrecidíssimo fenómeno de repetição e imitação de modelos estrangeiros. Se é certo que nem sempre se trata de um cartaz totalmente isento de tais problemas, um olhar mais sistemático dissipa tal sensação: o objectivo de criar um festival de "música extrema" e sem constrangimentos estilísticos, produz sequências que são impossíveis de reproduzir num qualquer outro festival, incluindo (e talvez, até especialmente) aqueles que apontam o eclecticismo como bandeira.

No primeiro dia, a presença de Hypothermia e Dokuga centrou as atenções no palco 2.

Os suecos já foram uma referência no nicho do depressive black metal mas de há uns anos a esta parte a melancolia perdeu boa parte do seu

cariz mais nefasto e destrutivo, centrando-se numa abordagem mais contemplativa. Boa parte do interesse talvez se tenha perdido mas ainda há algo a reter na experimentação livre do projecto de Kim Carlsson: a improvisação como linha orientadora da música e as viagens emocionalmente tocantes são ainda aspectos relativamente únicos no género, ainda que sem o brilhantismo de outrora. Ainda assim, claramente o maior ponto de interesse do dia inicial.

Os portugueses Dokuga apresentam-se, como de costume, com uma dose de descomprometimento violento cheio de influências nipónicas. Uma apresentação ao vivo é uma oportunidade para destilar mais algum ódio e, ao mesmo tempo, para mostrar quem manda no mundo do crust em Portugal. Exemplar em todos os aspectos.

Naquele que prometia ser o dia mais preenchi-

do, foram os Process of Guilt a arrancar as hostilidades, gerando uma barreira de som que não é fácil igualar, mesmo para a mais abrasiva banda de doom. Um bom começo para um dia cujo momento mais especial estava reservado para o ritual intoxicado de Urfaust. A capacidade de gerar atmosferas épicas através de estruturas simples e o hipnotismo dos *riffs* são imagens de marca do duo e, mais uma vez, provou-se que forma não equivale a substância: apesar de todos os percalços técnicos, nada se aproximou do que foi criado no segundo palco do SMSF durante a actuação dos holandeses.

Como o SMSF não hesita em lançar-se nos mais arriscados terrenos, os bracarenses Mão Morta fizeram uma aparição bem particular: longe dos concertos demasiado esquematizados que não raras vezes apresentam em cenários mais "convencionais", a banda de Adolfo Luxúria Canibal optou por um alinhamento bem mais

Ferreira de Castro e a Renovação

segunda parte

Ricardo António Alves

Revista de cultura e pensamento destinada ao proletariado, e apesar de ter como programa «dar batalha ao passado», as credenciais de modernidade artística da *Renovação* são francamente insatisfatórias. É escusado, e provavelmente incorrecto, compará-la com a revista do modernismo por excelência, quase sua contemporânea, a *presença* de José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, para se aperceber do desfasamento que existia. Não fora a colaboração de alguns artistas plásticos nas capas da publicação, como Stuart Carvalhais, Roberto Nobre ou Carlos Botelho e, não fora Ferreira de Castro, a *Renovação* passaria completamente ao largo daquilo que se propusera em termos artísticos. Porque para os autores deste quinzenário, arte de vanguarda era a que difundia as ideias avançadas – mesmo que essas ideias fossem veiculadas através de uma estética do século XIX.

O número inaugural, com a capa de Alonso, dum academismo sem remissão, deixa antever o pior; as estampas, os extratextos que a revista oferece são duma irrelevância que impressiona. A colaboração propriamente literária circunscreve-se aos sonetos inconformistas de Bento Faria (um poeta de 50 anos no bilhete de identidade, mas talvez ainda mais velho em personalidade artística) e uns contos, alguns interessantes, de Eduardo Frias, de tons naturalistas à Abel Botelho.

Há, aliás, um texto catastrófico, em modo de libelo – não assinado e que eu tenho, pelo estilo, boas razões para arriscar a atribuição da sua autoria a Jaime Brasil –, intitulado «Da “arte moderna”». Nele se critica «o suposto modernismo» por não ter suscitado a adesão, mas antes a indiferença das «massas incultas» – «“arte” postiça, grotesca, que não lhes dizia nada», ao contrário do que sucedia com os «cervejeiros teutónicos e a aristocracia gerada na *Nep*» (a «Nova Política Económica» de Lênine, o seu célebre *passo atrás*); estes sim, «delicia[vam-se]» com as novas tendências. Para o articulista, «Ninguém com cultura artística acreditou jamais nas mistificações dos futuristas e dos cubistas, dos impressionistas e dos expressionistas, dos primitivistas e dos super-realistas e demais fauna pretensiosa e insípida.» A «arte verdadeiramente moderna» não pode fazer tábua rasa do passado, o «realizador de beleza» «é o passado mais um» e a arte tem de ser «didáctica e morigeradora», deve ter uma «função social», sendo por isso «comunitária e democrática». Então o que será a arte de vanguarda, na perspectiva deste autor?

«Em arte, como em tudo, a tradição, o passado são fonte de emoções e de ensinamentos. O estatuário de hoje busca a linha flexuosa da *Vénus de Milo*, a alada leveza da *Vitória de Samotrácia*, a viril postura do *Apolo de Belvedere*, para escopo e inspiração, como o libertário sonho com a clã primeira, com a comuna medieva, e com a cidade-livre, que são o exemplo histórico da sociedade futuro, por que luta.»

O resto é «exaltação do capitalismo, do industrialismo, do individualismo.»

Castro estava distante desta concepção, apesar de alguns pontos de contacto. Para ele, também o modernismo deveria ser integral, quer dizer, arte moderna e ideias avançadas andariam de par. Era esse o seu *programa* vanguardista. No primeiro livro publicado em Portugal, o já citado *Mas...*, autodenominou-se «classicófono» («Ser classicófono é sentir no âmago vagalhões de revolta: – contra a involuntária expropriação que nos fizeram os

clássicos»³); na *Renovação*, embora respeitando o património legado pelos antigos, insurge-se contra a cópia académica dos modelos clássicos, ao mesmo tempo que critica a tendência primitivista, que teria em Gauguin e Picasso – por si tão admirados – alguns dos seus expoentes, e que pretendia beber na arte pretensamente das origens o tónus que faltava à arte ocidental. Para Castro – que não nomeia nenhum dos pintores atrás referidos –, a representação da figura humana «como um manipanso africano» – é uma atitude «reaccionária», porque «volvida para as brenhas do passado e não para as alvoradas do futuro»³. Mas, por outro lado, «realizar uma Arte que só

A atenção que Castro deu à arte sua contemporânea, na breve existência da *Renovação*, não pode deixar de merecer um justificado destaque. Num artigo intitulado «A cenografia da vanguarda»⁶, destaca a «inquietação e o anseio renovador» de artistas como Meyerhold, Gordon Craig, Max Reinhardt, os futuristas italianos Bragaglia, Ricciardi, Prampolini além da obra pictórica e literária do próprio Marinetti, que lera atentamente⁷; noutro, não assinado, sobre «A literatura social e os valores literários na Rússia»⁸, depois de enumerar alguns dos grandes nomes da literatura desse país, de Dostoiévki a Gorki, refere-se empolgado aos autores da vanguar-

o cinema como trabalho também plástico, via também nele a possibilidade de alargamento dos horizontes estéticos e ideológicos a um público mais vasto.

Ferreira de Castro era, pois, nesses anos vinte, dos poucos escritores – e como jornalista dos raríssimos – a filtrar e difundir a arte contemporânea e de vanguarda. Não por acaso, José Régio, um dos espíritos mais brilhantes da sua geração, dez anos mais tarde, deixa expresso nas páginas da *presença*, a sua esperança em que a direcção de *O Diabo*, que Castro iria assumir pudesse enfim voltar a dar relevância ao jornal, gasto que estava por falta de rumo e em mãos mediocres.¹¹

Deixo para o fim algumas breves notas sobre o ponto de vista pessoal que Ferreira de Castro muitas vezes aduz nos seus textos, o que revela também a sua forte individualidade, o traço de carácter romântico de rebeldia (e, nestes anos juvenis, de intemperança, até) que o caracterizaram.

No artigo em que defende as férias pagas, logo no número inaugural, como vimos, escreve, orgulhosa e desassombadamente:

«[...] eu, que trabalho, que trabalho sempre com volúpia, com ardor, elegendo a pena como amante de todas as horas e a todas as horas fundindo-a no tinteiro, como num turbilho negro donde brotam, já delineadas, as espirais de incenso de meu sonho interminável, não defendo aqui uma conquista original revolucionária, não chancelada ainda por nenhum país. / Não defendo essa conquista, sob um ponto de vista pessoal, porque há muito deitei a chave do mundo exterior pela janela do meu quarto, como queria Zola, para ficar a sós com o trabalho – com o trabalho que é uma necessidade para a inquietude do meu espírito. Defendo essa conquista social, sob o ponto de vista colectivo, e embora me fosse grato defendê-la sozinho contra tudo e contra todos, como tenho feito com tantas outras [...]»¹²

Ferreira de Castro lamenta noutro texto, não assinado, intitulado «Da alegria de viver», a mediocridade do país:

«[...] Marchamos molemente como sonâmbulos. [...] Andamos aos encontros, acotovelamos nos carros, empurramo-nos, agredimo-nos quase, num afã de chegar depressa, como se tivéssemos alguma coisa de importante a resolver. [...] somos um povo atrasado doente, sem educação social, um povo que precisa de aprender a viver, um povo que necessita absolutamente do entusiasmo de quem tenha arrojo de pensar numa grande obra de renovação, numa pedagogia de encanto...»¹³

Como décadas mais tarde – em pleno regime de Salazar e num conclave oposicionista de apoio à candidatura de Norton de Matos – lembrará, numa das suas poderosas «Mensagens», «o povo melancólico, que anda devagar nas ruas, como se procurasse encontrar o seu próprio destino, que anda com um ar modesto, resignado e com esse aspecto de mediocridade colectiva que lhe dá o seu baixo nível de vida»¹⁴. E verificando que é o mesquinho e o trivial que nos desperta a atenção, que verdadeiramente nos interessa, que «não temos motivos de beleza» nem «preocupações elevadas», escreve, melancólico: «Fazemos anedotas malévolas sobre a vida dos outros, tiramos efeitos ruidosos da derrocada dos sonhos, dos incidentes de uma derrota, como se os ideais e o combate fossem manifestações de estupidez, justificativas dum riso cáustico.»¹⁵

A morte, que é um tema forte na sua obra – basta lembrarmos *Eternidade* (1933), e o início do seu poderoso «Pórtico»: «Nós não queremos morrer! Nós não queremos morrer!» – também surge nas páginas da *Renovação*, através dos aforismos: «É muito doloroso saber que todos os rebeldes são passivos ante a



pudesse ser compreendida e justificada no passado, é algo de grotesco, algo que ultrapassa as próprias fronteiras do Ridículo.»⁴ Aqui, Castro distancia-se do articulista atrás referido, e ilustra uma das suas perplexidades, de que fez eco quando da morte do seu grande amigo e companheiro de jornada artística, Roberto Nobre, num maravilhoso texto de 1969, em que o evoca, o autor de *A Selva* recorda esta época e a tertúlia em que com Nobre, Assis Esperança e Mário Domingues defendiam «não somente uma nova organização social, mas também a arte de vanguarda, como seu complemento.» E lembrava com alguma amargura: «Todos os outros elementos ideologicamente avançados, alguns deles nossos amigos bem perto do nosso coração, eram conservadores em Arte e todos os revolucionários em Arte eram reaccionários nas ideias.»⁵

da, provavelmente exemplos do que ele próprio almejava para si, enquanto escritor: dos poetas Vladimir Maiakovski a Alexander Blok, passando pelo romancista Andrey Bely; finalmente, o cinema, a que Castro deu tanta importância, cinéfilo que era, como proclamou Roberto Nobre, tendo inclusivamente realizado um documentário, recentemente redescoberto.⁹

Considerando o cinema como uma obra de arte completa, que congrega «numa só, todas as outras, conservando, contudo a sua independência»¹⁰, sendo errado tomá-lo por «um prolongamento do teatro e do romance», ao mesmo tempo que deplorava o mercantilismo de grande parte do cinema americano, passa em revista alguns dos grandes nomes da 7.ª Arte: de Jean Epstein a Robert Wiene, de Marcel L'Herbier a René Clair, passando por Griffith e Abel Gance. Castro, além de valorizar

morte...»¹⁶; ou: «Só depois de se escravizar a morte, pode existir o verdadeiro homem livre. E esse homem livre, terá ainda, para ser livre, de dominar a vida.»¹⁷

As recordações de infância, as boas, as do Zeca – tal era o seu diminutivo –, de alegre comunhão com a natureza; as dolorosas, que lhe traziam à memória os castigos corporais – tudo isso ele lembrou já na velhice, no texto evocativo «A aldeia nativa», incluído n'Os *Fragmentos*, mas também aqui, nas páginas da *Renovação*:

«Eu nasci em Maio e o meu primeiro olhar deve ter sido para uma flor [...] / Só mais tarde eu vi a montanha que ficava por detrás da minha casa – e os homens que passavam e aplaudiam a minha mãe quando esta me castigava, dizendo: / -- Nessa idade é que se principia a ensiná-los... / Esta recordação nunca mais fugirá do meu cérebro [...]. / Eu tinha seis anos – e já tinha um jardim... Dois metros de terra junto a um combro, que eu vinha cultivar quando abandonava os bancos escolares. [...] / Lírios, rosas e margaridas, desabrochadas dificilmente e uma velha macieira [...] constituíam o grande encanto da minha infância já distante. / A minha mãe elogiava-me aquela devoção para as flores e nesses elogios eu encontrei os raros momentos de felicidade de toda a minha vida...»¹⁸

Como já ficou escrito, Ferreira de Castro sentiu-se um expatriado, lá longe na selva amazónica, entre os 12 e os 16 anos. Sem ter escrito um livro de memórias, é autor de vários textos evocativos que são também algumas das suas melhores páginas. Na «Pequena História de "A Selva"», de 1955, redigida para a edição comemorativa dos 25 anos de publicação do romance, ilustrada pelo grande Portinari, o escritor lembrava a ânsia de fuga por que fora tomado no seringal: «[...] não houve um só dia em que não desejasse evadir-me para a cidade, libertar-me da selva, tomar um barco e fugir, fugir de qualquer forma, mas fugir!»¹⁹; ou quando em «A aldeia nativa», um dos escritos do livro póstumo *Os Fragmentos*, lembrava que uma das maiores angústias que tivera na vida era a de acordar cada dia sem saber se alguma vez retornaria a casa.²⁰

No texto sobre o degredo, a que já aludi, há uma tocante passagem sobre esse período passado no Brasil:

«Quem já meditou deveras sobre o trágico significado da palavra *degredo*? [...] / Quando li, encostado ao primeiro marco da minha adolescência – recordo-o tristemente, sinceramente – esse pueril drama de Camilo que é «O [*sic*] Amor de Perdição», a cena que mais me impressionou, que nublou de lágrimas meus olhos, foi aquela em que o protagonista tem apenas por destino o degredo e por perspectiva esse barco que o há-de levar e que se baloiça, indiferente à dor, sobre as mansas águas do Douro. / E quando há dez anos, minha vida difícil e agitada me levou várias vezes às enseadas da Guiana Francesa²¹, eu quedava-me

largo tempo a seguir angustiosamente todos os gestos dos degredados – os gestos de todos os que a França envia periodicamente para aquele sepulcro de vivos. / Eu ignorava seus delitos, desconhecia o ritmo de seus corações – e contudo para eles ia toda a minha ternura, porque eu também era um exilado, e emigrante desprotegido que a vida fazia rolar entre todos os seus cotovelos. la para eles toda a minha ternura, porque eu abrigava-me também sob o

degredo, sempre que a leio, revela-me todo o seu sinistro significado e causa-me uma profunda sensação de horror!»²²

Termino com estas observações: O forte pendor anarquista e revolucionário de Ferreira de Castro manifestou-se claramente neste período de estertor da I República, que ele testemunhou de caneta na mão, defendendo no primeiro número saído após o 28 de Maio,



mesmo sol da proscricção e porque eles, ali, na Caena ou em Saint George, perante o Atlântico ou à margem do Oyapock, expiavam crimes muitas vezes fomentados pela própria sociedade ou por instintos ancestrais, que essa sociedade nunca se preocupava em corrigir pela educação. / E assim, desde esse tempo já longínquo em minha curta vida, a palavra

ironicamente, que «chega[ra] o momento em que o próprio conceito de Evolução e[ra] obrigado a evoluir»²³, no sentido da Revolução – subentende-se... Para que tal sucedesse, contava com os escritores e outros intelectuais, a quem «compet[ia] soltar o grito de protesto, desfazendo o ninho onde a víbora reaccionária vai distendendo os seus anéis.»²⁴

Ideias que o acompanharão sempre ao longo de toda a obra.

Dos entusiasmos juvenis trazidos pelas leituras de Nietzsche e Stirner²⁵, evoluiu para uma posição menos individualista e mais colectiva – ou comunista libertária – inspirada principalmente em Kropotkin. Mas sempre livre e com independência, sem apóstolos nem tutelas, pois como ele escreveu nas páginas da *Renovação*, «só é verdadeiramente livre aquele que não é discípulo, aquele que não é fiel, aquele que não tem mestre nem sacerdote.»²⁶ ■

¹ [Jaime Brasil ?], «Da "arte moderna"», *Renovação*, n.º 8, Lisboa, 15 de Outubro de 1925, pp. 2-3.

² Ferreira de Castro, «Pedras ao poço», *Mas...*, Lisboa, 1921, p. 25.

³ Ferreira de Castro, «Arte moderna», *Renovação*, n.º 17, Lisboa, 1 de Março de 1926, p. 7.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Ferreira de Castro, «Vida, sonho e drama de Roberto Nobre», *apud Correspondência (1922-1969)*, Lisboa, Editorial Notícias e Câmara Municipal de Sintra, 1994, p. 238.

⁶ Ferreira de Castro, «A cenografia da vanguarda», *Renovação*, n.º 21, Lisboa, 1 de Maio de 1926, pp. 15-16.

⁷ Ver Ricardo António Alves, «Ferreira de Castro, entre Marinetti e Kropotkin», *O Escritor*, Lisboa, Associação Portuguesa de Escritores, 1998, pp. 175-180.

⁸ Ferreira de Castro, «A literatura social e os valores literários na Rússia», *Renovação*, n.º 24, Lisboa, 15 de Junho de 1926, pp. 1-2.

⁹ Em *Singularidades do Cinema Português* (Lisboa, Portugal Editora [1964], pp. 135-136), Nobre refere-se ao filme «Estatuas de Portugal», arquivado na Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

¹⁰ Ferreira de Castro, «O cinema moderno e o seu papel artístico e educador», *Renovação*, n.º 21, Lisboa, 15 de Maio de 1926, pp. 10-11.

¹¹ José Régio, *Páginas de Doutrina e Crítica da presença*, Porto, Brasília Editora, 1977, p. 306.

¹² Ferreira de Castro, «Ante os pórticos do estio – Lutemos pelas férias dos que trabalham!», *Renovação*, n.º 1, Lisboa, 2 de Julho de 1925, pp. 10-11.

¹³ [Ferreira de Castro], «Da alegria de viver», *Renovação*, n.º 1, Lisboa, 2 de Julho de 1925, p. 12.

¹⁴ «Mensagem de Ferreira de Castro», *Campanha Eleitoral da Oposição – Depoimentos (Terceira Série)*, Lisboa, Serviços Centrais da Candidatura, 1949, pp. 89-98.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ Ferreira de Castro, «Ideologia», *Renovação*, n.º 6, Lisboa, 15 de Setembro de 1925, p. 15.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Ferreira de Castro, «As flores como eterno motivo de beleza», *Renovação*, n.º 21, Lisboa, 17 de Maio de 1926, p. 21.

¹⁹ Ferreira de Castro, *A Selva*, 38.ª edição, Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 1980, p. 18.

²⁰ Ver Ferreira de Castro, «A aldeia nativa», *Os Fragmentos*, 2.ª edição, Lisboa, Guimarães & C.ª [1974], pp. 45-46.

²¹ Guiana.

²² Ferreira de Castro, «A caminho do degredo e as responsabilidades da sociedade», *Renovação*, n.º 10, Lisboa, 15 de Novembro de 1925, p. 6.

²³ Ferreira de Castro, «A ideia evolutiva da Justiça», *Renovação*, n.º 23, Lisboa, 1 de Junho de 1926, p. 2.

²⁴ Ferreira de Castro, «Os intelectuais e as ditaduras», *Renovação*, n.º 18, Lisboa, 15 de Março de 1926, p. 1.

²⁵ Ver [Ferreira de Castro] «O papel da água na filosofia», *Renovação*, n.º 8, Lisboa, 15 de Outubro de 1925, pp. 1-2.

²⁶ Ferreira de Castro, «A morte dos apóstolos», *Renovação*, n.º 22, Lisboa, 15 de Maio de 1926, p. 2.

O anti-pedagogo

António da Cruz

Pedro García Olivo (Fuente-Álamo, 1961) é uma figura necessariamente fascinante para quem ainda não afogou de vez nos néons a capacidade de se espantar: depois de trabalhar como investigador e de uma passagem pelo Nicarágua, onde ajudou os sandinistas, foi professor *anticapitalista* e reformista durante largos anos; libertário, porém, foi apreendendo as contradições insanáveis da ideia de ensino institucionalizado e deixou crescer uma raiz de ódio ao seu *mister*. Hoje, abandonado o ensino, vive como *autor mendicante* numa aldeia perdida da Comunidad Valenciana, onde é pastor de

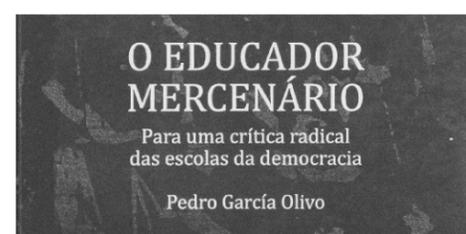
cabras e se dedica à destruição sistemática da ideia de ensino e da ideia de estado: é o anti-pedagogo.

A novíssima editora Textos Ígneos estreou-se com dois livros de Olivo: *O Irresponsável* (2016), originalmente editado em 2000, e *O educador mercenário. Para uma crítica radical das escolas da democracia* (2017 [2009]). *O Irresponsável* é uma obra fora das garras das classificações de género - nem ensaio, nem tratado, nem romance, nem panfleto, nem autobiografia, nem proposta poética, nem uma mistura moderna de todas estas. Da sombra da figura arquetípica d'O *Irresponsável* rastejam outras - O Esquizofrénico, O Suicida, O Comediante, O Apátrida, O Libertino, O Deserto, O Criminoso - para ajudar a mapear todos os modos de oposição à ideia e prática da Escola. É um livro áspero, violentíssimo, escrito num estilo muito devedor de Nietzsche, e quase sádico na

demolição sistemática de evidências cristalizadas. A sua demonstração, se não acertada, pelo menos muito eloquente, da impossibilidade quase física de existência de uma escola libertária dentro do bunker da democracia força um demónio nas sinapses do leitor: porque assim sendo nem escola nem o resto, e no fim da leitura só nos sobra a recusa furiosa porque amedrontada ou a acção destrutiva, imediata e sem limites.

O Educador Mercenário... é um apanhado de respostas dadas por Olivo em várias entrevistas concedidas ao longo dos anos. Dividido em núcleos temáticos, apresentado numa linguagem muito diferente, porque menos metafórica e tortuosa, da de *O Irresponsável*, é talvez a melhor porta para se aceder à obra do anti-pedagogo, essencial no seu radicalismo sem concessões.

Saudemos Olivo e a Textos Ígneos pela coragem e portudo.



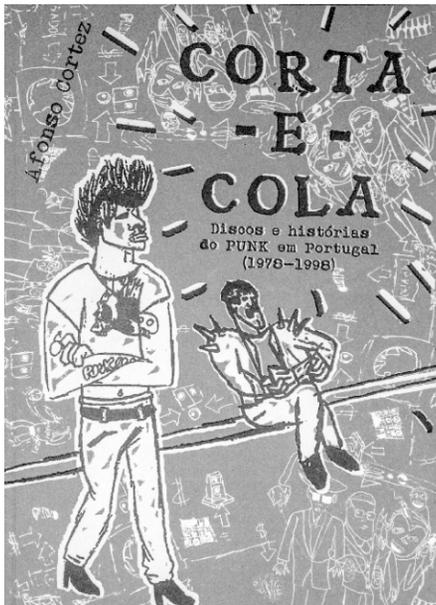
O educador mercenário
Para uma crítica radical das escolas da democracia
Pedro García Olivo
Textos Ígneos
Lisboa, 2017, 126 pp.



O Irresponsável
Pedro García Olivo
Textos Ígneos
Lisboa, 2016, 144 pp.

Banda desenhada e biqueiros anarcas!

Professora Marcivânia



Corta-e-cola
Discos e histórias do punk em Portugal (1978-1998)
Afonso Cortez
Chili com Carne, Thisco e Zerowork Records
2017, 177 pp.

Durante a feira do livro, a Associação Chili com Carne e a Thisco, em parceria com a Zerowork Records, lançaram nas livrarias o oitavo título da colecção Thiscovery CCChannel. Trata-se do *split book* *Corta-e-cola. Discos e histórias do punk em Portugal (1978-1998)*, de Afonso Cortez, e *Punk Comix. Banda desenhada e punk em Portugal*, de Marcos Farrajota.

Como a Chili já habituou os seus leitores, foi novamente editado um excelente livro do ponto de vista gráfico, o que nos permite afirmar com grande certeza que esta é uma das poucas chancelas portuguesas que continua a preservar a ideia do livro enquanto objecto. Porém, seria injusto considerar que a riqueza do livro se deve exclusivamente à sua componente ilustrativa e à bonecada que acompanha o texto: ambos os estudos são preciosos e sumarentos, revelando uma investigação criteriosa e mais intensiva que exaustiva. O resultado é um brilhante mapeamento historiográfico do punk e da sua relação com a banda desenhada em Portugal. Afonso Cortez, agora em melhor companhia que no volume *Portugal Eléctrico - contracultura rock em Portugal, 1955-1982* (Groovie Records, 2013), realiza um estudo minucioso sobre a evolução do género e da cultura que lhe está adjacente, dividindo-a em quatro momentos-chave. O primeiro revela-se pela importação do punk inglês para um país conservador e acanhado, confrontado com a desilusão de uma revolução que acabou por

não o ser. A lógica que prevaleceria por cá seria a de tentar replicar o sucesso comercial que uns Sex Pistols ou The Clash tiveram na Grã-Bretanha, através da apropriação do punk enquanto nicho mercantilizável e lucrativo. Numa década de 1970 onde o acesso à música de uma parte significativa dos curiosos era ainda determinado pela publicitação feita pela arbitrariedade estética dos radialistas, António Sérgio (que trabalho respeitável fazem agora os seus sucessores?) surge como figura que tenta impulsionar a difusão deste género em Portugal, fosse através das suas colunas na *Música & Som*, fosse através do seu programa *Rotação* ou, principalmente, pelo trabalho editorial que realizava na não-licenciada Pirate Dream Records ou, um pouco mais tarde, na já legal Nova. Isso permite dar a conhecer projectos mais ou menos desconhecidos como seria o caso dos Leitmotiv, no qual participa um Paulo Nozolino recém-chegado de Londres, onde, conta a lenda, teve relações próximas com Sid Vicious, ou, no campo oposto de reconhecimento social, os Aqui d'el Rock ou os Corpo Diplomático (chamamos a atenção para a belíssima capa pós-irónica do *Música Moderna*), estes já a preparar o mergulho no new wave, que se completaria com a total alteração de imaginário que emanava dos Heróis do Mar.

Como o sucesso comercial e a lógica do mercado prevalecem acima de tudo, no final da década de 1970 a nova galinha dos ovos de ouro passa a ser o não-tão-novo rock português. Na verdade, o punk não teria gerado assim tanto dinheiro (há ainda algumas tentativas de abrir a torneira, como o sentimentalão *London Town*, de Derrick Borte), o que levaria um desanimado Luís Filipe Barros a sentenciar no seu *Rock em Stock* (há uma excelente tese de mestrado, de 2016, que incide sobre este programa) que o futuro da música passa pelo hard rock e pelo new wave. A onda muda e o investimento da máquina de propaganda vira-se para a "verdadeira caquinha de bebé mal confeccionado" que foi este novo rock português, que muito se apoiou na aberrante *Lei de Protecção da Música Portuguesa na sua Difusão pela Rádio e Televisão* para construir a sua charneca a partir de financiamentos e apoios culturais, que conferiu aos seus músicos a vida confortável que qualquer medíocre ambiciona alcançar (actualmente, a promoção musical continua a preferir versos confrangedores como "Só quero sobreviver ao Tarrafal/Eu só quero sobreviver", que uma *Fatiloquência*). Durante a década de 1980, já sem a visibilidade mediática que lhe foi garantida de forma breve, o punk revitaliza-se em Portugal através da recepção do anarco-punk de Crass e Subhuman. Assim, nasce uma segunda vaga do género, com Peste & Sida e com a Ama Romanta de João Peste, responsável pela edição de álbuns de Mler lfe Dada, Pop

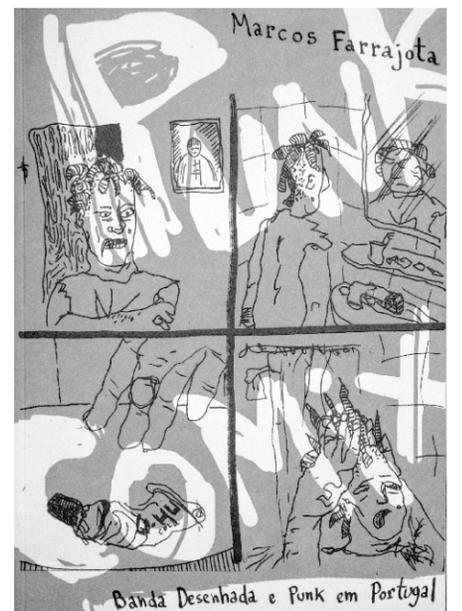
Dell'Arte, Mão Morta, Anamar ou Telectu (faz falta um ensaio exaustivo sobre o belíssimo trabalho editorial de João Peste durante a década de 1980 e, quem sabe, um dos próximos livros da colecção Thiscovery CCChannel poderá ser sobre esse tema. Cortez tem claramente unhas para essa tarefa). Com os Peste & Sida há um enriquecimento gráfico que completa o seu trabalho musical: os dois melhores exemplos são a capa de *Veneno* (1987) e o desdobrável que sai com *Peste & Sida é que é* (1990), da autoria da Luís Varatojo. É no final da década de 1980 e na transição para os noventa que os Mata-Ratos emergem na cena musical, com a gravação da primeira cassette e primeiro LP. Sobre a polémica relação entre a banda e a subcultura (em todos os sentidos que o leitor possa imaginar) neo-nazi dos subúrbios da capital, importa ler o interessante testemunho de Nuno Saraiva sobre a capa que desenhou para *Rock Radioactivo* (1990).

A entrada no meio de distribuição massificado era ainda um objectivo de algumas bandas desta segunda vaga. Os Peste & Sida editam, por exemplo, *Portem-se bem* (1989) e *Peste & Sida é que é* (1990) pela Polygram (dois anos depois, da mesma editora, temos o importante álbum *Uma vez na vida* de Dino Meira). Será durante os noventa que se iniciará o boicote explícito à distribuição comercial e a tentativa de construir um circuito independente. Talvez seja esta a raiz ideológica da terceira vaga do punk em Portugal, que se projectará musicalmente em bandas como Alcoore, Subcaos e X-Acto. Estes últimos serão de uma tremenda relevância para a importação e divulgação do anti-especismo e do estabelecimento de um movimento straight edge no seu círculo, que gradualmente se identificará mais com o hardcore, até se concretizar a definitiva cisão com o punk. Será deste cisma que nascerá a quarta vaga, já no final do século, com Renegados de Boliqueime e a apologia de uma cultura da libertinagem absoluta, rompendo com o puritanismo que emergia da cena core. Esta é apenas uma pequena súpula do impressionante ensaio que Afonso Cortez realizou e que é incomparavelmente mais digno que o paupérrimo *As palavras do punk* (Alêtheia [!], 2015), escrito em co-autoria com o eminente ministro dos negócios estrangeiros e que é o resultado de um longo projecto de investigação universitária da universidade do Porto. Como se o texto de Cortez não bastasse, a Chili oferece ainda mais um excelente texto sobre a relação entre banda desenhada e punk, da lavra de Marcos Farrajota.

O trabalho de Farrajota beneficia muito do seu conhecimento do acervo da Bedoteca de Lisboa, que lhe permite entrar em contacto directo com a história da banda desenhada em Portugal, desde o *António Maria* de Bordalo até às fanzines artesanalmente feitas em cima de

um bidé de uma okupa (bidés numa okupa?). Além disso, o também editor da colecção dá ao leitor algumas referências bibliográficas (a contra-gosto) preciosas - como é o caso de *The Philosophy of Punk: More than noise* (Craig O'Hara, AK Press, 1999) -, que servem de complemento ao livro que temos em mãos. Ao curto apanhado histórico da edição de banda desenhada em Portugal (à qual este jornal está intimamente ligado: é bom lembrar que Stuart Carvalhais não é só o autor do *Quim e Manecas*, mas também o ilustrador de 66 gravuras de crítica social para o *Suplemento Literário e Ilustrado de A Batalha*, publicado entre 1923 e 1927), junta-se uma reflexão sobre a integração do imaginário punk nas tiras publicadas em revistas, jornais, suplementos e livros. Esse é o caso da Violeta de Fernando Relvas, apresentada no *Se7e*, e editada pela El Pep em 2012 ou das bds de Diniz Conefrey no *Blitz* no início dos noventa. Mais recentemente, há que mencionar a zine *Mesinha de Cabeceira*, o trabalho de José Smith Vargas sobre a Fontinha, a colaboração de Sara Gomes e André Coelho para a antologia *Destruição* (Chili com Carne, 2010) e os dois livros de Teresa Câmara Pestana *Aqui Babilónia* e *Continuamos aqui*.

E além destes dois ensaios, não há mais nada? Há. Um CD onde colaboram Putan Club, dUAS SEMICOLCHEIAS iNVERTIDAS, Presidente Drógado ou Albert Fish. E fica tudo dito? Talvez não, mas este trabalho é já muito importante. Resta fazer um estudo sobre as últimas duas décadas do punk em Portugal. Por que não fazê-lo nas páginas d'A *Batalha*, Afonso?



Punk Comix
Banda desenhada e punk em Portugal
Marcos Farrajota
Chili com Carne, Thisco e Zerowork Records
2017, 78 pp.

musculado que o habitual. O final com "Arrastando o seu Cadáver" envergonharia muitas bandas de doom que tentam criar ambientes desoladores e/ou opressivos. O último dia do festival tinha bem menos interesse que os anteriores, sendo que praticamente só as actuações de Malthusian e Wolfbrigade foram dignas de registo. Os primeiros com uma devastadora demonstração de death/black metal com claras influências de Portal (o que, por si só, é um elogio); e, os segundos, a não desiludirem quem estava ali para ver uma das mais interessantes bandas de crust da última vintena de anos: lírica apontada ao opressor, atitude sem qualquer tipo de

contemplações e, no geral, um concerto sem mácula. O SMSF nem sempre é o festival perfeito, mas quando acerta é o melhor sítio para ouvir música em Portugal. Longe das feiras de vaidades, das "cenas" e das ofertas *gourmet*. A presença no cartaz de clichés em forma de banda tem vindo a diminuir mas é improvável que desapareça: talvez seja o preço a pagar por tudo o resto porque, afinal, "o público é que manda", mesmo quando se está perante o festival mais (positivamente) alheado daquilo que o seu público-alvo espera. Que assim continue por muitos e bons anos.



Wolfbrigade no SMSF
Fotografia por Pedro Roque/Eyes of Madness!

Edital do quotidiano

Francisco Cardo

Desiludida está a esperança no seu aposento em já severa tristeza e tão cruel abandono pelo invio suceder de peripécias a contento dos amanuenses que têm no poder o seu patrono e na viral tradição de negócios e influências o sistema procura na casta sem coluna vertical os ledos bobos mais viciosos nas prepotências com que enchem a alma e tornam o inferno normal

Procurados em vão são os editais da dignidade pelos palácios mais árdios da ébria devassidão oportunistas são coveiros de Abril na voracidade destes recentes primórdios da incauta governação e de tais maravilhas não admira esta inquietude com que o presente exaurido tramita em julgado tão amiúdes vezes apenas socorrido pela virtude com que sorri às condenações de que é acusado.

O desafio dos dias

António Margalha

Conhecemos de experiência feita, todas as artimanhas dos titeres sem escrúpulos. Sabemos de saber certo, como se envenenam os caudais da generosidade e da militância. Em cada palavra, bem medida e sem subterfúgios, é urgente anunciar que a luta ainda mal começou. Daqui podem esperar a total intransigência para com a exploração, a sinecura e a prepotência. Daqui, porque não nos calamos, podemos sempre anunciar que o futuro é um caminho de que não desistimos nem muito menos hipotecamos.

corredores

Alexandre Caetano

estavas no corredor há quase quatro metades de ciclo Não!? Como não? como não disseste nada, segui em frente a noite é minha, caro, e eu quis seguir em frente...

havia carros que chocavam n'outros ovos que faltavam às pilhas de caixas furadas, redondas loiças para lavar no fundo da metade do ciclo pés para usar o corredor ou as suas paredes

estavas no corredor há quase quatro séculos menos 399 anos já te disse que estavas

lisboa

Alexandre Caetano

e ele disse-lhe furiosamente Não pá! Vamos estourar o dinheiro todo vamos deixar tudo o que temos aqui, meu caro a noite é nossa, amigo, vamos estourar-nos Mas como assim, se ainda agora nos conhecemos e agora penso, calmamente, e me parece tudo um acto demasiado típico Mas assim seguiram, alimentando as delícias esporádicas, mutáveis e transitórias da gentrificação tripla adjectivação e ele disse-lhe furiosamente Lisboa é nossa agora, amigo... não pá! Vamos estourar o dinheiro todo

Sobre o exercício de acreditar na rebenção.

Nuno Mangas-Viegas

Procurar a desidentificação. Deixar rendida a cara que tocaste já não sei em que quadrante da sedução óssea das paredes. Há manhãs que rebentam nas mãos a sua tensa miragem, e levam à boca os fósforos que são todos os dedos na planície rápida de corpo.

Colámos bússolas nos muros, queríamos urgente o carácter usável do medo e do tempo. Mas tudo rebenta tão depressa, os ombros, as dunas, rebentando como os ossos todos da mão, que são como ondas cansando as areias do eterno.

Gostava de acreditar no vento, gostava que o vento fosse para mim uma cadeira coisa concreta, onde se pudesse descansar, gostava que as coisas fossem para mim como cadeiras, lugares para deixar o corpo, todo arco, sobre as mínimas constelações livres: os laranjais da muito jovem manhã. Restará do gesto o prodígio metálico da língua, a palavra coisificando a voz e a montanha, que é um corpo dormindo sobre a promessa de muito tempo.

'A mente retira as cavilhas cedo demais', dizias.

Um homem tem dois corpos quando a madrugada grita a sua hora feroz. Toda a desidentificação advém de um receio singular, racha-se no que no centro é vidro, e dois corpos serão toda a madrugada feroz.

À venda na nossa livraria

MIKHAIL BAKUNIN
Deus e o Estado (6,00)
Instrução Integral (6,00)

GIOVANNI BALDELLI
Anarquismo Social (5,00)

CH BAY e CH WALKER
Desobediência Civil – Teoria e Prática (2,00)

Edit. MOK CHIU e J Frank HARRISON
Voices from Tianamen Square (17,00)

EDUARDO COLOMBO
Análise do Estado e O Estado como Paradigma do Poder (6,00)
Anarquismo, obrigação social e dever de obediência (6,00)

ALBERT COSSERY
A Violência e o Escárnio (13,00)
Mendigos e Altivos (15,00)

RONALD CREAGH
O dia em que o mundo mudou (8,00)

LUCE FABBRI
O Caminho (3,00)

MANUEL FIRMO
Nas trevas da longa noite (Da Guerra de Espanha ao campo do Tarrafal (17,00)

ALBERTO FRANCO
A Revolução é a Minha Namorada (7,48)

HERMÍNIO FREITAS NUNES
Antecedentes sociais do 18 de Janeiro de 1934 na Marinha Grande (15,00)

TONY HARRION
V. (9,80)

GASTON LEVAL
El Estado en la Historia (7,48)

JACK LONDON
Contos do Extremo Norte (14,00)
Contos Fantásticos (18,00)
Contos do Pacífico (14,00)
O Cruzeiro do Snark (14,00)
O Filho do Lobo (14,00)
O Povo do Abismo (12,00)

FLORES MAGÓN
A Revolução Mexicana (6,00)

ERRICO MALATESTA
Autoritarismo e Anarquismo (6,00)

MARGARETH RAGO
Foucault, História e Anarquismo (8,00)

J.M. RAYNAUD
Apelo à unidade do movimento Libertário (6,00)

RAMÓN SAFÓN
O Racionalismo Combatente. Francisco Ferrer y Guardia (6,00)

ALEXANDRE SAMIS
Minha Pátria é o Mundo Inteiro. Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em dois mundos (25,00)

SILVA MENDES
Socialismo Libertário ou Anarchismo (15,00)

STEPHEN SCHECTER
Política de Libertação Urbana (2,00)

HAROLD B WILSON
Democracia no Trabalho (2,00)

Estas e outras obras encontram-se à venda na sede do CEL, Azinhaga da Alagueza, Lote X, c/v - Esq 1800-005 LISBOA, aos sábados, entre as 15 e as 18 horas

Encontram-se também à venda as revistas **A Ideia e Letra a Letra**

Cadernos d' A Batalha

A Alternativa Anarquista (Júlio Palma)	3,50
Agricultura Biológica (Colectânea) Esgotado	2,50
Anarquismo e Política: Revisão crítica de Camillo Berneri (Stefano d'Errico)	5,00
Autogestão, Gestão Directa, Gestão Operária (M. Joyeux)	1,50
Centenário do nascimento de Emídio Santana - Transcrição das sessões	6,50
Colectânea (Liberto Sarrau)	2,50
Contra as Touradas (Colectânea) Esgotado	2,00
O Desafio Islâmico - 2ª Edição (Júlio Palma) Esgotado	3,50

A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos (J.Oiticica) Esgotado	2,50
Ecos da Semana. A arte, a Vida e a Sociedade (F.de Castro) Esgotado	3,50
Eliseu Réclus (P.Kropotkin, J.Grave, L.Galleani e E. Costa) Esgotado	2,50
Porque Sou Anarquista (R. Rucker) Esgotado	1,80
Portugal dos Pequenos (Fernando J. Almeida)	4,50
Sobre Jornalismo (Jaime Brasil) Esgotado	2,50
A Verdade Sobre Cronstadt - 2.ª Edição (S.M. Petritchenco) Esgotado	2,50
Voz que Clama no Deserto (Jaime Brasil)	4,50

Cadernos do «Círculo Joaquina Dorado e Liberto Sarrau»

Memória 1º Ciclo - Textos das comunicações Esgotado	6,00	Memória 4º Ciclo - Textos das comunicações	6,00
Memória 2º Ciclo - Textos das comunicações	6,00	Memória 5º Ciclo - Textos das comunicações	6,00
Memória 3º Ciclo - Textos das comunicações	6,00	Memória 6º Ciclo - Textos das comunicações	6,00

Centro Anarquista Português de Artes Modestas



Repressão pimentiana

Aníbal César Almeida Bastos

No seu *Discurso sobre o filho-da-puta*, Alberto Pimenta produziu um quase-tratado sobre esse certo modo de ser e de estar que, antes de tudo, se caracteriza por uma intolerância face às liberdades e liberalidades do outro. É, no seu âmago, uma manifestação do fenómeno freudiano da projecção: que ninguém se atreva a vencer os meus medos e as minhas faltas e falhas; marcá-los-ei a ferro quente na pele. O fim é sempre a anulação da diferença, a vulgarização geral, grande tarefa da violência.

Recentemente, a dita justiça democrática surpreendeu-nos com uma inaudita acusação a 18 polícias - toda a esquadra de Alfragide - referente a um caso de 2015, em que 6 habitantes da Cova da Moura foram sequestrados, torturados, humilhados e silenciados. À época, a imprensa livre tomou a liberdade de ser o megafone das autoridades: em parangonas, fez saber que um grupo de delinquentes, pretos, evidentemente, tinha invadido a esquadra e que a polícia tinha, evidentemente, respondido na divina proporção da reposição da ordem e da segurança. Depois, o gangue agiu como de costume e como é de regra: mentiu, encobriu, difamou, esperando que o crime de patrocínio estatal fosse passar impune como sempre.

Sobre a íntima desumanização que é decidir ser e sobretudo continuar a ser polícia, estamos, espero eu, já conversados e de acordo - caso

contrário, leitor, não és nem *mon semblable* nem *mon frère*, e é preferível procurares material de leitura alheios. Dizia: não é a barbárie policial que interessa a este texto, mas sim o opinionato popular sobre o caso da esquadra de Alfragide. Sob todo e qualquer discurso de defesa cega da polícia corre um rio de ressentimento, medo e ódio, que reflecte a essência esquizóide das relações de poder na comunidade. Quando a comunidade defende a polícia, quando chega ao ponto de defender directamente os seus crimes mais hediondos, expressa uma Síndrome de Estocolmo colectiva que é a nossa infeliz regra sob o reino do Capital Democrático: o captor salvar-nos-á dos inimigos que ele próprio inventou para nós. O estado, na sua infinita malícia, consegue fazer de nós os seres mais repugnantes e atávicos.

Exemplos. Numa das categorias de argumento mais vezes utilizadas - "na Cova da Moura não há só pretos delinquentes, também há gente séria, honesta e trabalhadora" -, descobre-se acima de tudo um fundo de ressentimento por ter de trabalhar, mais importante que o mero filho-da-putismo pimentiano evidente. A infâmia da escravatura do trabalho não produz apenas seres críticos, alienados, homogeneizados: produz ódio pelos que conseguem escapar-lhe. Mas eis o pormenor decisivo: o pobre que não trabalha é odiado, mas o rico que assenta a magna colhoieira numa herança é invejado ou

mesmo venerado. Odiar o semelhantemente pobre e admirar o ilegitimamente rico é a garantia de que nunca se formará uma comunidade consciente e actuante.

Também a inversão do racismo é um ponto forte no argumentário que se pode acompanhar na internet ou no tasco: "os pretos também fazem discriminação entre eles", etc. A irrelevância ou mesmo a falsidade da proposição não beliscam o impacto do argumento nas sinapses cansadas e sequestradas: toda esta grande infâmia do racismo sistémico, que por vezes arranha numa qualquer parte mais inocente da cabeça, está afinal justificada. É para continuar enquanto eles não pararem de fazer uns aos outros o que nós lhes fazemos sistematicamente. Uma grande obra colectiva de bizzarria. *Epuor si muove!*

O círculo precisa de ser completado, para que a grande inversão se dê: desumanizar o preto e o pobre, humanizar o polícia: "eles também são humanos... eles são assim por causa das condições de trabalho... aetcetera aetcetera".

Daqui até à defesa aberta da violência bárbara, genocida mesmo, vai um pequenino passo: ou a polícia deve bater mais e mais - "enquanto não sangrar, o boi esta vivo", escreveu um ilustre militar na reserva, com fotos da família feliz e branquinha em exposição no seu perfil de facebook -, ou nem as balas pagas por todos nós devem ser desperdiçadas: "que se matem uns aos outros, voltem à Cova da Moura quando cheirar muito mal". Os brandos brancos costumes foram sempre feitos disto, mal escondidos sob uma película de *bienséance* e alegria (no trabalho).

A nada do que se descreve será alheia a transformação da PSP na esfera social-tecnológica: de caixa negra, passou a uma magnífica máquina de propaganda. A página de facebook da PSP é, sem qualquer exagero, uma página de memes. Compostinhos, prontos-a-elogiar. Há uma mascote, o Falco, e ninguém se coíbe de usar crianças como chamariz da ternura. Eis a grande regra do estado, transformar tudo no seu contrário: o ilegítimo em bom, o oprimido em besta, o injustificável em lei.

Que há na Cova da Moura? Porque é alvo de tamanha violência? Para além da pobreza, da questão evidente do racismo, talvez a explicação maior se encontre na resistência natural aos modos de ser impostos pela ideologia estatal. Ser comunidade, com laços humanos incompreensíveis, numa língua outra. Desconfiar da escola. Desconfiar de todos os poderes. Rejeitar o trabalho. Defender o corpo da mercantilização. Procurar, enfim, uma malga de felicidade entre os néons e os gritos. E isto o estado não suporta. Enquanto não nivelar todas as expressões de dissensão, ou enquanto não as assimilar para expandir o seu corpo obeso para lá da conta, haverá sempre, sempre violência.

Da figura do filho-da-puta deduz-se todo o espírito do estado. Com a linguagem progressivamente transformada, diminuída, para estar ao serviço da confusão geral, precisamos de chamar os nomes as coisas. Onde: todo o polícia é filho-da-puta. E assim sucessivamente, até acordarmos.

Entretanto, Américo Amorim morreu. Fazia sol nesse dia. ■